



UC/FPCE\_2012

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

### **Vinculação e Reconhecimento Emocional**

Carlos Eduardo Loureiro Magalhães Cardoso (e-mail:  
carlos\_eduardo1985@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Subárea de  
Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas sob a orientação do  
Professor Doutor Rui Paixão



## **Vinculação e Reconhecimento Emocional**

### Resumo

O presente artigo enquadra-se na linha de trabalhos sobre a Vinculação e o reconhecimento emocional. Tem como objetivos avaliar a relação entre a Vinculação no adulto e o reconhecimento emocional, bem como a possível mediação da Extroversão. Numa primeira fase foram traduzidos para a Língua Portuguesa dois instrumentos de avaliação da Vinculação. Numa segunda fase, utilizando uma amostra de 269 sujeitos, foi avaliado o poder preditivo da Vinculação no reconhecimento emocional ao nível das expressões faciais e ao nível paralinguístico. Numa terceira fase, estudou-se ainda a possibilidade da Extroversão exercer uma mediação nesta relação. Os resultados encontrados mostram que o poder preditivo da Vinculação não se verificou em vários dos casos em análise, não se tendo encontrado um padrão conclusivo do sentido dessa predição. Finalmente, verificou-se que a Extroversão é predita pela Vinculação, mas não exerce um papel mediador no reconhecimento emocional.

Palavras-chave: Vinculação, Modelo do *Self*, Modelo do Outro, Extroversão, Reconhecimento Emocional.

## **Attachment and Emotional Recognition**

### Abstract

This article follows the line of work on Attachment and emotional recognition. The aim of this work is to study the relationship between adult Attachment and emotional recognition, as well as the possible mediation role of Extraversion. In the first phase, two Attachment instruments were translated to Portuguese. In a second step, using a sample of 269 subjects, the predictive power of Attachment in emotional recognition in facial expressions and at the paralinguistic level was studied. In a third phase, the possibility of a mediation role of Extraversion in this relationship was addressed. The results show that the predictive power of Attachment was not observed in several cases, and it was not possible to find a conclusive pattern on the direction of the prediction. The Extraversion is predicted by Attachment, but does not have a mediating role in emotional recognition.

Key Words: Attachment, Self Model, Other Model, Extraversion, Emotional Recognition.

## Agradecimentos

Aos meus pais César e Aldina e à minha irmã Inês pelo apoio incondicional, base segura de toda a minha exploração na vida.  
Aos meus avós Hermínio e Glória sempre presentes, sem nunca duvidar de mim.  
À memória dos meus avós Valentim e Ana.

Aos meus amigos,

À Míriam pela partilha intensa de emoções, de momentos e de vida e simplesmente... por ser quem é,

Ao Patrick, sempre presente, mesmo à distância, desde a infância,

Ao Filipe pelo grande apoio e pela amizade,

À Marlene que um dia me disse "*Everything is possible*",

À Marina pelos pés assentes na terra,

À Bárbara pela intensidade das emoções,

À Carmo pela diferença,

À Cathy por uma filosofia alternativa,

...pela companhia e amizade ao longo dos últimos anos.  
Todos muito diferentes, mas marcantes na minha vida.

Às minhas companheiras de percurso nesta reta final, Catarina e Raquel.

Ao Vladimiro, ao Bruno, ao Filipe e à Míriam, um agradecimento especial pelo apoio no processo de tradução.

Finalmente ao Professor Doutor Rui Paixão, marco incontornável da minha formação e aprendizagem, tanto académica como de vida, sem o qual este trabalho não seria de todo possível.

## Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento Conceptual.....	2
1.1 A Teoria da Vinculação.....	2
1.2 Emoções.....	5
1.2.1 Teorias Dimensionais da Emoção.....	5
1.2.2 Teorias Discretas.....	6
1.2.3 A funcionalidade das expressões emocionais.....	6
1.3 Vinculação e Reconhecimento Emocional.....	8
1.4 Extroversão.....	11
1.5 Vinculação e Reconhecimento Emocional: apresentação do constructo.....	13
II – Definição do problema e objetivos.....	13
III – Metodologia.....	14
3.1 Amostra.....	14
3.2 Instrumentos.....	15
3.2.1 Vinculação.....	15
3.2.1.1 <i>Relationship Questionnaire</i> (RQ).....	15
3.2.1.2 <i>Relationship Scales Questionnaire</i> (RSQ).....	15
3.2.2 <i>The NimStim Set of Facial Expressions</i> (NimStim).....	16
3.2.3 Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções (TRPE).....	16
3.2.4 <i>Neo PI-R</i> – Extroversão.....	17
3.3 Procedimentos de Investigação.....	17
IV – Resultados.....	17
4.1 Estatística Descritiva.....	17
4.2 Estudo da relação e da estabilidade temporal entre o <i>Relationship Questionnaire</i> (RQ) e o <i>Relationship Scales Questionnaire</i> (RSQ).....	18
4.3 Análise da Vinculação (RQ e RSQ) enquanto variável preditora do Reconhecimento Emocional (NimStim).....	18
4.4 Análise da Vinculação (RQ e RSQ) enquanto variável preditora do Reconhecimento Emocional (TRPE).....	21
4.5 Análise das relações entre Vinculação (RQ e RSQ) e Extroversão.....	24
4.6 Análise da Extroversão como mediadora do Reconhecimento Emocional.....	26
V – Discussão.....	27
Conclusões.....	31
Bibliografia.....	33
Anexos	

## Introdução

A Vinculação é um conceito estruturante do psiquismo, revendo-se nas relações interpessoais, particularmente na capacidade de estabelecer laços emocionais com os outros (Bowlby, 1979/1990), ao longo da vida (Ainsworth, 1982, 1989; Bowlby, 1969/1982, 1979/1990, 1980/2005). No seio das relações sociais, os estímulos não-verbais assumem um papel central, uma vez que através deles, num contexto comunicacional, os indivíduos inferem os estados emocionais dos outros (Ekman, 1994), sendo esta capacidade essencial para o desenvolvimento e manutenção das relações interpessoais (Russell, Bachorowski, & Fernández-Dols, 2003). De entre estes, destacam-se as expressões faciais e o tom de voz, que têm sido vistos como uma forma privilegiada de comunicação de emoções (e.g., Cacioppo & Gardner, 1999; Ekman, 1999; Johnstone & Scherer, 2000; Laukka, 2004; Scherer, 1986), existindo evidência de uma relação entre estilos de Vinculação dos indivíduos e a forma como estes interpretam e descodificam os estados emocionais dos outros nas interações sociais (e.g. Cooley, 2005; Magai, Hunziker, Mesias, & Culver, 2000; Niedenthal, Brauer, Robin, & Innes-Ker, 2002; Simpson, Collins, Tran, & Haydon, 2007).

A Vinculação pode ser vista como uma teoria geral do desenvolvimento da personalidade (Bowlby, 1980/2005), indicando vários estudos a existência de relações entre os estilos de Vinculação adulta e as várias dimensões da personalidade (e.g., Chotai, Jonasson, Hägglöf, & Adolfsson, 2005; Deniz, 2011; Griffin & Bartholomew, 1994a; Moreira et al., 1998; Neustadt, Chamorro-Premuzic, & Furnham, 2006; Nofle & Shaver, 2006), nomeadamente o Neuroticismo e a Extroversão (e.g., Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990). Bäckstrom e Holmes (2001) referem, inclusivamente, que os fatores da personalidade são importantes no funcionamento das relações e nas experiências interpessoais, tendo encontrado também uma relação da Extroversão com os estilos de Vinculação. Considerando estas evidências bem como as que relacionam a Extroversão com a interpretação do significado da comunicação não-verbal (e.g., Akert & Panter, 1988), o presente estudo propõe-se analisar a relação entre estilos de Vinculação adulta e o reconhecimento emocional, ao nível de expressões faciais e paralinguístico, tomando como variável mediadora a dimensão Extroversão da personalidade.

Desta forma, na primeira parte do trabalho, correspondente ao enquadramento conceptual, apresenta-se resumidamente os principais conceitos da Teoria da Vinculação, bem como das Teorias Discretas e Dimensionais das emoções. Seguidamente, são apresentadas as concepções e estudos empíricos sobre a Vinculação, reconhecimento emocional e Extroversão.

Na segunda parte do trabalho é apresentado o estudo realizado, assente num modelo onde a Vinculação, medida através do *Relationship Questionnaire* (Bartholomew & Horowitz, 1991) e do *Relationship Scales Questionnaire* (Griffin & Bartholomew, 1994b), é tomada como variável

preditora do reconhecimento emocional ao nível paralinguístico e das expressões faciais, bem como da possibilidade da dimensão Extroversão da personalidade, medida através da versão portuguesa do *Neo PI-R* (Lima, 1997; Lima & Simões, 2003), desempenhar um papel mediador entre os dois fenómenos.

## I – Enquadramento Conceptual

### 1.1 A Teoria da Vinculação

A Teoria da Vinculação conceptualiza a propensão dos seres humanos para formar laços emocionais com outros específicos (Bowlby, 1979/1990). Esta teoria, proposta inicialmente por Bowlby (1958), considera que a criança nasce com um sistema de comportamentos de Vinculação, um conjunto de comportamentos inatos que têm como objetivo a criação desses laços que se constituem como sistemas defensivos, ou protetores, das crianças (Bowlby, 1979/1990). Formulações posteriores exploraram este ponto de vista, salientando a importância da sensação de segurança para a criança, que está na base da capacidade de explorar o mundo que a envolve (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Sroufe & Waters, 1977). Desta forma, a qualidade das relações de Vinculação precoce tem os seus alicerces no grau em que a criança *se liga em segurança* à figura de Vinculação (Ainsworth et al., 1978). Com base na resposta das crianças à separação e reunião com os cuidadores, num procedimento laboratorial estruturado, denominado situação estranha, Ainsworth et al. (1978) identificaram três padrões distintos de Vinculação: seguro, ansioso-resistente e evitante. As crianças seguras reagem bem ao regresso do seu cuidador após a separação e, em situações de *stress* procuram a proximidade sendo rapidamente reconfortadas. As crianças ansiosas-resistentes apresentam um comportamento ambivalente com os seus cuidadores, bem como uma incapacidade de ser reconfortadas pela reunião. As crianças evitantes não procuram a proximidade ou interação com o cuidador na reunião. Um quarto padrão de Vinculação, apelidado de desorganizado, foi apresentado posteriormente, caracterizando-se pela ausência de uma estratégia comportamental organizada e coerente para lidar com a ausência e reunião com os cuidadores (Main & Solomon, 1990).

Os bebés, ao longo do tempo, vão formando representações, ainda que embrionárias, dos objetos à sua volta. Partindo das trocas com aqueles que os rodeiam desenvolvem modelos de relação que os ajudam a compreender e interpretar os comportamentos dos outros, antecipando-os e, por essa via, controlando-os (Miljkovitch, 2002). Vão-se, assim, tornando capazes de interiorizar as interações em que participam de tal forma que estas relações precoces de Vinculação formam um protótipo para relacionamentos posteriores fora da família (Bowlby, 1973). Estes modelos mentais são designados de modelos operantes internos e são dinâmicos, no sentido em que operam na vida da criança, orientando-a na sua forma de perceber as relações interpessoais e de se comportar nelas (Miljkovitch, 2002). Simultaneamente, a criança forma um modelo que corresponde à imagem

que tem de si como sendo mais ou menos merecedora de ser amada, e um modelo que tem que ver com a percepção dos outros como estando mais ou menos atentos e sensíveis às suas necessidades (Milijkovitch, 2002).

A criança desenvolve estratégias promotoras de Vinculação quando se apercebe que a figura de Vinculação ausente pode voltar. Desde o nascimento que possui estratégias primárias: um repertório de comportamentos de Vinculação para chamar ou manter a mãe perto de si. Dependendo da sua eficácia, a criança fica mais ou menos propensa a modificar o funcionamento do seu sistema de Vinculação e, assim, desenvolver estratégias secundárias. Em função das possibilidades que acredita ter de voltar a conseguir o contacto com a mãe, adapta o seu comportamento, o que pode levar a uma inibição ou a uma ativação do sistema de Vinculação (Milijkovitch, 2002) e à estruturação de estratégias de minimização ou de maximização. Nos casos em que a mãe não é capaz de suportar as solicitações afetivas da criança, uma vez que estas lhe provocam o desejo de se afastar, as estratégias de minimização vão permitir um alívio, tornando a aproximação à criança mais tolerável. É nas situações em que o consolo por parte da mãe permanece possível, apesar das estratégias primárias não serem suficientes para que ele ocorra, que se dá a ativação do sistema. Constatando que uma resposta só é possível quando manifesta uma aflição extrema, a criança aprende a aumentar progressivamente a intensidade dos sinais, maximizando as suas estratégias de Vinculação (Milijkovitch, 2002).

Considerando o princípio básico da Teoria da Vinculação que nos diz que as relações de Vinculação se mantêm importantes ao longo de toda a vida (Ainsworth, 1982, 1989; Bowlby, 1969/1982, 1979/1990, 1980/2005), bem como a aplicabilidade das categorias de Vinculação a adultos (e.g., Hazan & Shaver, 1987), vários autores têm vindo a estudar a relação entre os modelos internos e a adaptação social e emocional na idade adulta (e.g. Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1990; Cooley, 2005; Griffin & Bartholomew, 1994a; Kobak & Sceery, 1988).

Um dos modelos que apresenta uma forma muito interessante de estudar os relacionamentos interpessoais na idade adulta é proposto por Bartholomew e Horowitz (1991). Parte de um modelo bidimensional que se baseia no Modelo do *Self* (positivo vs. negativo) e no modelo dos outros (positivo vs. negativo), sistematizando-se num modelo operante interno onde se interseccionam estas dimensões do *self* e dos outros (Bäckstrom & Holmes, 2001). A partir destas, representam-se quatro protótipos possíveis de Vinculação: Seguro (*self* positivo, outro positivo), Inquieto (*self* negativo, outro positivo), Desapegado (*self* positivo, outro negativo) e Receoso (*self* negativo, outro negativo) (Bartholomew & Horowitz, 1991). O padrão de Vinculação evitante é assim dividido, dando origem a dois protótipos de comportamento evitante: Desapegado e Receoso.

O estilo de Vinculação Seguro é indicador de um sentimento de valor (de merecer ser amado), e da expectativa de que as outras pessoas são aceitantes e responsivas (Bartholomew & Horowitz, 1991). Os indivíduos com este estilo caracterizam-se por um bom nível de autoestima, de

confiança e uma dependência são face ao outro (Perdereau & Atger, 2002). Enquanto crianças, os indivíduos Seguros tiveram pais calorosos e aceitantes ou então, resolveram os seus sentimentos relativamente às suas experiências precoces (Magai, Hunziker, Mesias, & Culver, 2000). O estilo Inquieto é indicador do sentimento de falta de valor (não merecer ser amado) combinado com uma avaliação positiva dos outros, o que leva a pessoa a lutar pela aceitação de si próprio através da aceitação por parte dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991). Estes indivíduos apresentam traços ansiosos nas relações interpessoais, desejos de aprovação sistemática por parte dos outros, falta de autoconfiança, e sentimentos de solidão (Perdereau & Atger, 2002). Os indivíduos Inquietos sentem-se muito atraídos pelos outros, procurando relacionamentos próximos, mas a sua necessidade de aproximação extrema pode funcionar de forma inversa à desejada pelos sujeitos, isto é, como "força" de afastamento do outro. Os pais deste tipo de sujeitos são descritos como emocionalmente imprevisíveis, com comportamentos que oscilam, sem grande coerência, entre a reprovção e a proximidade afetiva e calorosa. Este comportamento inclui, frequentemente, a sobreproteção, implicando na criança uma luta contínua pela independência, marcada por sentimentos de raiva não resolvidos (Magai et al., 2000). O estilo Receoso associa-se ao sentimento de falta de valor e à expectativa de que os outros são rejeitantes e não merecedores de confiança (sentimento de que o outro é incapaz de amar o sujeito). Através do evitamento de envolvimento próximo com outros, este estilo permite que as pessoas se protejam contra a rejeição antecipada (Bartholomew & Horowitz, 1991). Estes indivíduos evidenciam usualmente fraca autoestima, falta de confiança, ansiedade nas relações interpessoais, procura de contacto e intimidade, desejo de aprovação pelos outros, solidão e reações frequentes de cólera e hostilidade (Perdereau & Atger, 2002), a que Magai et al. (2000) acrescentam a timidez. Os pais, tipicamente, foram rejeitantes, excessivamente críticos ou severos, indisponíveis, indiferentes e física e emocionalmente pouco expansivos (Magai et al., 2000). O estilo Desapegado é indicador de um sentimento de merecimento de amor e da existência de uma tendência negativa relativamente aos outros. Estes indivíduos protegem-se contra o desapontamento, evitando relações próximas e mantendo um sentimento de independência e invulnerabilidade (Bartholomew & Horowitz, 1991). Tendem a apresentar falta de confiança e a valorizar a independência e o êxito, evitando a intimidade (Perdereau & Atger, 2002), desvalorizando-a (Magai et al., 2000). Os pais, tipicamente, foram física e emocionalmente retraídos (Magai et al., 2000).

Os estilos Desapegado e Receoso são semelhantes no facto de ambos refletirem o evitamento da intimidade, mas diferentes na necessidade de aceitação e de desenvolvimento de uma visão positiva de si próprio. De forma semelhante, os grupos Inquieto e Receoso têm em comum a forte dependência dos outros, para que consigam obter uma visão positiva de si próprios, mas diferem na prontidão com que se envolvem em relações próximas. Enquanto o estilo Inquieto implica o procurar dos outros na tentativa de realizar as suas necessidades de dependência, o estilo Receoso

implica o evitamento de proximidade para minimizar um eventual desapontamento (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Griffin e Bartholomew (1994b) são apologistas de uma avaliação dimensional da Vinculação nos quatro protótipos – Seguro, Inquieto, Desapegado e Receoso - e nas duas dimensões que lhes estão subjacentes – Modelo do *Self* e Modelo do Outro – em que cada indivíduo possui características de cada um dos protótipos e dimensões. Pode ainda ser feita a classificação dos indivíduos em categorias discretas de Vinculação de acordo com o protótipo mais característico.

## 1.2 Emoções

A emoção é um conceito notoriamente difícil de definir, e não há consenso geral sobre os critérios que devem, ou não, ser considerados para a definir (Laukka, 2004). Vários esforços têm sido realizados no sentido da sua compreensão, no entanto, de entre as várias teorias explicativas que têm surgido nos últimos anos, suspeita-se que ainda esteja longe a possibilidade de se chegar a um consenso na definição do conceito (Russell & Lemay, 2000). Existe, apesar disso, concordância entre a maioria dos investigadores quanto aos vários componentes que as emoções envolvem: avaliação cognitiva, sensação subjetiva, ativação fisiológica, expressão, tendência para a ação e regulação (Oatley, Keltner, & Jenkins, 2006).

Do conjunto de teorias que têm tentado explicar este fenómeno, as que mais se têm destacado são as Dimensionais e as Discretas (Laukka, 2004).

### 1.2.1 Teorias Dimensionais da Emoção

A abordagem Dimensional centra-se, fundamentalmente, numa das componentes da emoção, o estado emocional subjetivo. O seu objetivo prende-se com a identificação das emoções, a partir do seu posicionamento num pequeno grupo de dimensões subjacentes (Laukka, 2004). Wundt (1912/1924), citado por Laukka (2004), propôs a existência de três dimensões capazes de explicar todas as diferenças entre estados emocionais: prazer-desprazer, tensão-relaxamento, excitação-calma. Posteriormente, Schlosberg (1941) propôs um modelo de caracterização da estrutura subjacente à experiência emocional. Apelidado de modelo circunflexo da emoção, ordena os estados emocionais dispendo-os em torno de uma circunferência. Partindo deste modelo, vários autores conceptualizam duas dimensões subjacentes à ordenação circular: a avaliação ou valência e a ativação (Larsen & Diener, 1992; Russell, 1980). A dimensão de valência está relacionada com a experiência subjetiva, variando entre o desprazer e o prazer. A dimensão de ativação, por sua vez, está relacionada com o sentido de mobilização ou energia, variando entre o sono e a excitação frenética (Russell & Feldman Barrett, 1999).

A nível funcional, acredita-se que estas duas dimensões desempenham um papel importante nos comportamentos de aproximação e evitamento/retirada (Carver, 2001). No entanto, esta redução a, apenas, duas dimensões tem sido criticada por não permitir a discriminação de alguns estados emocionais como o Medo e a Raiva, ambos desagradáveis e muito

ativos do ponto de vista fisiológico (Larsen & Diener, 1992; Laukka, 2004). No entanto, atualmente parece não existir grande consenso quanto à identidade e número de dimensões a considerar neste modelo (Laukka, 2004).

De qualquer modo, uma terceira dimensão tem sido frequentemente mencionada, a potência, isto na sequência dos trabalhos de Osgood, Suci e Tannenbaum (1957) sobre diferenciais semânticos. Esta dimensão pode ser vista como envolvendo uma avaliação cognitiva do potencial de *coping* de um indivíduo, ou poder, numa situação específica (Lazarus & Smith, 1988), podendo ser importante na diferenciação das emoções negativas (Smith & Ellsworth, 1985). Uma outra dimensão geralmente reconhecida, embora ainda pouco compreendida, é a intensidade da emoção. As emoções variam não apenas qualitativamente mas também quantitativamente, o que pode ter uma grande importância nas respostas comportamentais e fisiológicas do fenómeno (Brehm, 1999; Frijda, Ortony, Sonnemans, & Clore, 1992; Sonnemans & Frijda, 1994).

### **1.2.2 Teorias Discretas**

A abordagem Discreta das emoções está intimamente relacionada com a visão evolucionista, pois considera que cada emoção representa uma categoria única da interação indivíduo-ambiente, com o seu próprio significado adaptativo para o indivíduo (Laukka, 2004). Muitos dos teóricos apoiantes desta corrente defendem a existência de um conjunto de emoções básicas, universais e inatas, das quais resultam diversos estados emocionais (Ekman, 1992; Tomkins 1962). Cada emoção discreta teria o seu padrão único de avaliação cognitiva, atividade fisiológica, tendência para a ação e expressão (Darwin, 1872/1998; Ekman, 1992; Izard, 1992; Tomkins, 2008).

Laukka (2004) diz-nos que, de acordo com este ponto de vista, as emoções básicas constituem um número limitado do conjunto de todas as emoções, tendo evoluído em função dos problemas de vida mais pertinentes, dando exemplos como a competição (Raiva), o perigo (Medo), a cooperação (Alegria), ou a perda (Tristeza).

Podemos encontrar apoio para as Teorias Discretas em estudos de comunicação das emoções, com particular destaque para as expressões faciais (Ekman, 1992, 1994), tendo vindo também a surgir sustentação para a expressão paralinguística (Laukka, 2004). Pode encontrar-se em Ekman (1992, 1994) um forte apoio para as emoções discretas, sugerindo que a sua expressão e reconhecimento, em termos da face humana, é uma realidade universal. Quanto à expressão paralinguística, os resultados obtidos por Laukka (2004) sugerem que as expressões vocais de emoções discretas são reconhecidas transversalmente em várias culturas e que são percebidas como emoções discretas, e não como dimensões contínuas. Os seus resultados apoiam ainda uma abordagem discreta da emoção em geral, relativamente à componente expressão.

### **1.2.3 A funcionalidade das expressões emocionais**

A comunicação de emoções é frequentemente referida como crucial

para os relacionamentos e para a sobrevivência (Buck, 1984) e muitos dos problemas adaptativos mais importantes com que os nossos antecessores se depararam são assumidos como sociais por natureza (Buss & Kenrick, 1998). A expressão de emoções pode servir como incentivo para o comportamento social através de dois mecanismos inter-relacionados (Keltner & Kring, 1998): a emissão de informação importante para os outros, influenciando dessa forma os seus comportamentos; e a receção de informação fundamental para o sujeito, através da descodificação das expressões emocionais dos outros, permitindo inferências rápidas sobre os seus comportamentos mais prováveis (Darwin, 1872/1998). As expressões podem, assim, regular o comportamento social evocando respostas emocionais no descodificador (Russell et al., 2003). Os mesmos autores argumentam que as alterações faciais e vocais são constantes e representativas do estado psicológico do emissor, e que a maior parte dos seres humanos pode inferir sobre o estado dos emissores a partir das alterações ocorridas a ambos os níveis. Assim, instauram-se dois percursos de estudo da expressão emocional, um focado no processo de codificação das emoções, e outro nos processos de descodificação do recetor.

Uma das linhas de investigação no estudo da descodificação inspira-se no princípio de que determinadas expressões sinalizam emoções específicas, que os recetores descodificam (Russell et al., 2003). As mesmas pressões seletivas que moldaram o desenvolvimento das emoções deverão, também, ter favorecido o desenvolvimento de capacidades para a sua expressão e reconhecimento (Laukka, 2004). Desta forma, tem sido proposto que a organização da produção e descodificação da emoção são fenómenos inatos e categoriais (Ekman, 1992; Tomkins, 1962). Esta noção encontra apoio na universalidade da expressão facial das emoções (Elfenbein & Ambady, 2002). Russell et al. (2003) referem que a transversalidade da maior parte dos estudos realizados indica uma capacidade de reconhecimento emocional superior ao que seria de esperar pelo acaso, mostrando-se independente de diferenças etárias e culturais. Laukka (2004) defende a existência de um modelo categorial na forma como os sujeitos reconhecem as emoções, fazendo mais sentido, numa perspetiva evolucionista, distinguir entre categorias de emoção, do que entre um contínuo de estados relativos a uma emoção específica.

Russell et al. (2003) referem-se, no entanto, às visões modernas do evolucionismo que estão a substituir a visão de 130 anos de Darwin. Pelo menos algumas das expressões de emoção, são dirigidas para um recetor específico, moldando, assim, a postura afetiva e comportamental do recetor, tendo provavelmente evoluído neste sentido. Outras expressões de emoção são simplesmente emitidas, como subprodutos de ações realizadas sem uma finalidade comunicativa. Assim, é improvável que o recetor simplesmente descodifique uma mensagem emocional de uma forma simples e reflexa. Apesar das expressões emocionais poderem ser consideradas respostas rápidas, simples e automáticas, e de por vezes serem atribuídas emoções aos emissores, não se pode assumir que a sua descodificação obedeça a processos semelhantes, desde logo porque a receção e descodificação

envolvem uma variedade de interpretações, para além das emocionais (Russell et al., 2003).

### 1.3 Vinculação e Reconhecimento Emocional

A Vinculação e os estilos de Vinculação são constructos importantes para a exploração do modo de funcionamento dos indivíduos na vida adulta. Vários estudos têm associado estilos inseguros com psicopatologia e atitudes disfuncionais (Roberts, Gotlib, & Kassel, 1996), bem como com estilos de *coping* associados ao *stress* (Mikulincer & Florian, 1998). Os diferentes estilos de Vinculação têm sido também associados ao reconhecimento e descodificação emocionais, desempenhando um papel fundamental na forma como os indivíduos percebem e se relacionam com os outros. Segundo Ekman (1992), as expressões emocionais são cruciais para o desenvolvimento e regulação das relações interpessoais, incluindo a formação dos vínculos mais precoces e regulação posterior.

Ao já referido princípio básico de que as relações de Vinculação se mantêm importantes ao longo da vida (Ainsworth, 1969/1982, 1989, 1979/1990, 1980/2005), e de que as crianças, influenciadas pelas relações precoces pais-filhos, desenvolvem estilos característicos de Vinculação que permanecem até à idade adulta, influenciando as relações interpessoais (Hazan & Shaver, 1987), Cooley (2005) acrescenta que se deve ter em conta que tanto as relações precoces de Vinculação como os padrões de comunicação emocional podem influenciar diferencialmente as capacidades de processamento de sinais não-verbais desenvolvidos pelas crianças. Durante o período de desenvolvimento, acrescenta o mesmo autor, os diferentes níveis de capacidades não-verbais têm probabilidade de ser associados com estilos específicos de Vinculação, e esta variabilidade pode, por sua vez, ter influência nos relacionamentos adultos. Tendo em conta este início precoce do sistema de Vinculação e a sua influência ao longo da vida, torna-se pertinente rever os estudos que têm abordado as relações de Vinculação nas crianças.

Vários autores têm estudado a influência das relações precoces de Vinculação, bem como de maus-tratos e de figuras de Vinculação desadequadas na expressão e descodificação das emoções por parte das crianças. Camras et al. (1988), por exemplo, concluíram que crianças vítimas de abuso são menos capazes de descodificar as expressões faciais de emoções positivas e negativas nas suas mães, isto quando comparadas com um grupo de controlo composto por crianças não abusadas. Hodgins e Belc (2000), do mesmo modo, encontraram défices na descodificação não-verbal da expressão de Alegria entre estudantes universitários que experienciaram violência familiar em crianças. No entanto, outros estudos mostram que as crianças que experienciaram episódios repetidos de rejeição parental, maus-tratos, ou abuso se tornaram mais eficazes na discriminação de sinais de rejeição e desaprovação (Cassidy, 1994) e da Raiva (Pollak & Sinha, 2002).

Por outro lado, o estilo de Vinculação das figuras parentais influencia também a sensibilidade aos afetos das crianças. Haft e Slade (1989) concluíram que as mães seguras estão mais sintonizadas com os seus bebés

do que as mães inseguras, correspondendo mais aos afetos positivos e negativos e de forma mais consistente. Por sua vez, as mães evitantes não correspondem ao afeto negativo, parecendo ignorá-lo; e as mães ansiosas respondem tanto aos afetos positivos como aos negativos mas de forma inconsistente. Vários estudos das interações mãe-filho (e.g. Crandell, Fitzgerald, & Whipple, 1997; Isabella, Belsky, & von Eye, 1989; Isabella & Belsky, 1991; Belsky, Taylor, & Rovine, 1984) verificaram também diferenças do estilo de Vinculação na sensibilidade a sinais não-verbais, encontrando um nível de sensibilidade inferior na Vinculação insegura.

Mais evidências de que as experiências de Vinculação significativas no desenvolvimento social precoce estão ligadas à expressão e experiência de emoções podem ser encontradas no estudo longitudinal realizado por Collins, Tran e Haydon (2007). Avaliando as experiências de relacionamento na infância, no primeiro ciclo de escolaridade, na adolescência e na fase de jovem adulto, concluíram que a segurança de Vinculação dos participantes aos 12 meses de idade prediz a sua competência com pares (cotada pelos professores) durante a fase inicial do primeiro ciclo de escolaridade básica. A competência com os pares no primeiro ciclo de escolaridade básica prediz o grau de segurança evidente nas representações dos amigos mais próximos aos 16 anos e esta medida prediz, por sua vez, os relatos diários das emoções nas relações românticas (pelos próprios sujeitos e pelos seus parceiros) bem como a expressão de emoções (cotadas por observadores) em tarefas de interação registadas em vídeo. Estes resultados apoiam a conjectura de que tanto a experiência como a expressão de emoções nas relações românticas estão ligadas de forma significativa às experiências com raiz nos relacionamentos e etapas precoces do desenvolvimento social (Bowlby 1979/1990), bem como a importância e influência das relações de Vinculação precoces pais-filhos nos relacionamentos interpessoais ao longo da vida (Ainsworth, 1982, 1989; Bowlby, 1969/1982, 1979/1990, 1980/2005), a sua influência nas relações interpessoais na vida adulta (Hazan & Shaver, 1987), e nas capacidades de processamento de sinais não-verbais (Cooley, 2005). No entanto, também sugerem que o impacto mais forte e mais direto que as etapas desenvolvimentais mais precoces podem exercer, se dá naquelas que se lhes seguem imediatamente (Simpson, Collins, Tran, & Haydon, 2007).

Uma explicação interessante sobre a forma como a figura de Vinculação pode influenciar a capacidade de expressão e a sensibilidade não-verbal é proposta por Fonagy, Steele, Moran e Higgitt (1991): segundo estes autores, esta pode resultar de um impacto positivo da disponibilidade da figura de Vinculação na capacidade autorreflexiva. As interações positivas com figuras de Vinculação melhoram a capacidade para compreender as suas próprias emoções e as emoções dos parceiros nas relações. Neste sentido, Schachner, Shaver e Mikulincer (2005) afirmam que as crianças que tenham tido cuidadores capazes de promover o seu sentimento de segurança, podem reconhecer os diversos aspetos presentes nas expressões emocionais, e usá-los para melhor reconhecer os estados internos dos parceiros nos relacionamentos, e integrar as capacidades não-verbais e a sensibilidade no

seu repertório comportamental.

No entanto, também as experiências de Vinculação na idade adulta são significativas na forma como descodificamos as emoções nos relacionamentos. Simpson, Ickes e Blackstone, (1995) dizem-nos que as figuras de Vinculação na idade adulta, especificamente a disponibilidade dos companheiros em relações românticas, podem também influenciar a capacidade de descodificação de sinais não-verbais. Os autores descobriram que os indivíduos que descreveram os seus companheiros como mais disponíveis revelaram uma maior precisão na descodificação dos estados internos destes. Noutro estudo, DePaulo, Brittingham e Kaiser (1983) concluíram ainda que quando os participantes precisavam de descodificar sinais não-verbais dos companheiros para os ajudar, eram mais eficazes nessa tarefa quando estes os tinham ajudado anteriormente de forma apropriada. No seguimento destes resultados, Schachner, Shaver e Mikulincer (2005) dizem-nos que a disponibilidade da figura de Vinculação parece melhorar a sensibilidade não-verbal. Noller e Feeney (1994) encontraram também uma relação do estilo de Vinculação dos cônjuges na descodificação das expressões faciais. Ao explorar as relações entre eficácia não-verbal, satisfação nos relacionamentos e Vinculação adulta na fase inicial do casamento, concluíram que, nos dois primeiros anos de casamento, a existência de um cônjuge com uma pontuação mais elevada nas dimensões de ansiedade e evitamento na Vinculação era preditora de uma eficácia inferior na descodificação das expressões faciais, positivas e negativas, do outro cônjuge. Tucker e Anders (1998), concluíram que um estilo de Vinculação Seguro está associado com a expressão de comportamentos não-verbais positivos, indicativos de proximidade em casais de namorados. Os mesmos autores (Tucker & Anders, 1999) dizem ainda que os indivíduos do sexo masculino com um estilo de Vinculação ansioso são menos eficazes na interpretação dos sentimentos das suas namoradas.

Procurando uma explicação para a forma como os indivíduos percebem e gerem as emoções em relacionamentos, Kobak e Sceery (1988) propõem que uma Vinculação segura é organizada por regras que permitem o reconhecimento das dificuldades, voltando-se para os outros em busca de apoio. Por outro lado, numa Vinculação evitante, as regras que a organizam dirigem a atenção para as dificuldades e para as figuras de Vinculação de uma forma hipervigilante, inibidora do desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança.

Vários estudos têm também utilizado como meio as expressões faciais e os tons de voz para analisar a relação entre estilos de Vinculação, reconhecimento e processamento emocional nos adultos. Examinando a relação entre Vinculação e os enviesamentos emocionais Magai et al. (2000), por exemplo, descobriram uma associação de estilos específicos de Vinculação com enviesamentos no processamento de emoções específicas. Descobriram que o estilo Seguro está associado com uma maior probabilidade de identificação da emoção de Vergonha e que uma pontuação mais elevada na Vinculação ansiosa está associada a uma tendência exagerada para ver expressões de Nojo ou Raiva nas faces das outras pessoas

sem, no entanto, fornecerem informação sobre a eficácia básica na descodificação e sem considerar outras formas de comunicação como os tons de voz. Niedenthal et al. (2002), estudaram as diferenças entre estilo de Vinculação partindo do ponto em que uma expressão facial é percebida como mudando de Alegre, Triste, ou de Raiva para uma expressão facial neutra numa tarefa computadorizada. Nos seus resultados, a Vinculação evitante foi associada com uma tendência para ver o ponto de mudança das expressões faciais de Alegria e de Raiva mais cedo, sugerindo a tendência para minimizar a codificação de informação relevante para as emoções e, rapidamente, se distanciar dela. Pelo contrário, a Vinculação ansiosa foi associada com a tendência para manter a codificação de estímulos emocionais por períodos de tempo mais longos. Curiosamente, a junção de uma condição promotora de *stress* levou os evitantes a reagir de forma similar aos ansiosos, o que leva a crer que a variável *stress* pode modelar a expressividade emocional. Cooley (2005) examinou as diferenças individuais de estilo de Vinculação na eficácia de descodificação de sinais não-verbais em expressões faciais de emoção e em tons de voz, usando estímulos provenientes de adultos e de crianças com base no modelo bidimensional de Bartholomew e Horowitz (1991). Os resultados sugerem que os estilos de Vinculação podem estar associados a padrões específicos de capacidades não-verbais. Os participantes com uma visão positiva dos outros - os que se identificaram como Seguros ou Inquietos nos seus estilos de vinculação - foram mais eficazes na descodificação de vozes adultas, na pontuação total de eficácia não-verbal, relativamente aos que têm um modelo negativo dos outros - os que se identificaram como Desapegados ou Receosos no seu estilo de Vinculação. Segundo Cooley (2005), estes achados apoiam o esquema “outro positivo/negativo” usado por Bartholomew e Horowitz (1991) para categorizar os estilos de Vinculação. Como previsto, os indivíduos com uma perspectiva mais positiva dos outros apresentaram uma maior eficácia global na leitura de sinais não-verbais, especialmente nos tons de voz, nos adultos.

#### 1.4 Extroversão

Vários estudos têm sugerido a existência de relações entre os estilos de Vinculação adulta e as dimensões Neuroticismo e Extroversão da personalidade (Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990). Nos estudos realizados por Bäckstrom e Holmes (2001) e por Griffin e Bartholomew (1994a) foram encontradas associações entre Modelo do *Self* e ansiedade e entre Modelo do Outro e Extroversão. Bäckstrom e Holmes (2001) destacam a importância da existência desta relação com os fatores de personalidade *Big Five* (Costa & McRae, 1985) para as diferenças que podem ser encontradas, a vários níveis, de entre as quais se pode destacar o funcionamento das relações e experiências interpessoais entre adultos que têm modelos operantes qualitativamente diferentes (e.g. Bartholomew & Horowitz, 1991; Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Shaver e Brennan (1992), encontraram correlações significativas entre medidas categoriais dos estilos de Vinculação Seguro,

evitante e ansioso-ambivalente, e as dimensões *Big Five* da personalidade. Os participantes com estilos inseguros obtiveram pontuações mais elevadas no Neuroticismo e mais baixas na Extroversão, sendo os indivíduos seguros menos neuróticos e mais extrovertidos.

Noftle e Shaver (2006) encontraram associações teóricas consistentes e significativas entre o estilo de Vinculação e as medidas de traços de personalidade, ainda que as dimensões do estilo de Vinculação sejam melhores preditores da qualidade de relacionamento do que as medidas do *Big Five*. Uma das facetas da Extroversão, a assertividade, foi negativamente correlacionada com a ansiedade na Vinculação. Foi também encontrada uma correlação negativa entre o evitamento na Vinculação e a faceta assertividade da Extroversão, bem como com as facetas acolhimento caloroso, gregariedade e emoções positivas.

Moreira et al. (1998) examinaram os estilos de Vinculação numa amostra de estudantes Portugueses, relacionando-os com a competência social e com a personalidade. Os participantes com um estilo de Vinculação Seguro obtiveram maiores pontuações ao nível da competência social. Os participantes pertencentes ao grupo ansioso/ambivalente obtiveram pontuações mais elevadas no Neuroticismo, enquanto que os evitantes mostraram uma tendência para a introversão.

Neustadt, Chamorro-Premuzic e Furnham (2006), ao explorar as relações entre os traços de personalidade *Big Five*, a autoestima e a Vinculação no trabalho, encontraram também uma correlação negativa entre a segurança de Vinculação e o Neuroticismo, e uma correlação positiva entre esta, a Extroversão e a Agradabilidade, indo de encontro aos resultados encontrados nas investigações com a Vinculação romântica.

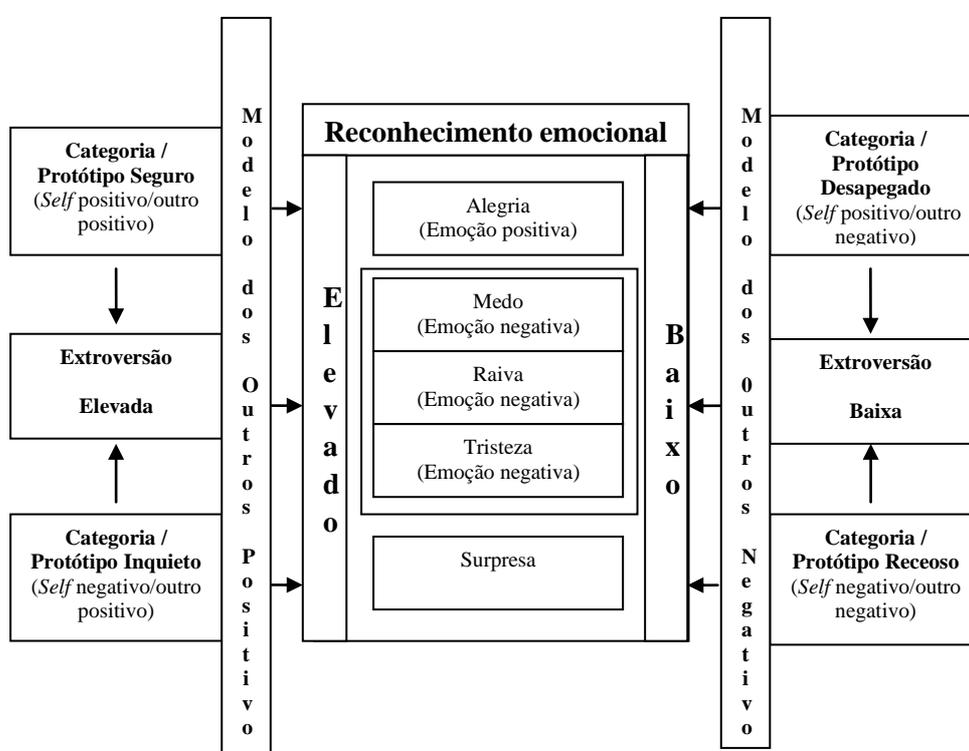
Num estudo que relacionou os estilos de tomada de decisão e os traços de personalidade dos cinco fatores com os estilos de Vinculação (Deniz, 2011), foram encontradas relações significativas entre o estilo de Vinculação Seguro e os traços de personalidade. O estilo de Vinculação Receoso evidenciou-se negativamente correlacionado com a Extroversão e o estilo Desapegado foi positivamente correlacionado com a Abertura à Experiência e negativamente com a Agradabilidade; o estilo de Vinculação Seguro evidenciou-se negativamente correlacionado com o Neuroticismo e positivamente correlacionado com a Extroversão, Abertura à Experiência, Agradabilidade e Conscienciosidade; o estilo Inquieto mostrou-se negativamente correlacionado com a Conscienciosidade.

Examinando a relação entre a Extroversão e a capacidade de descodificação de formas não-verbais de comunicação, Akert e Panter (1988) concluíram que os extrovertidos eram significativamente mais precisos na interpretação do significado da comunicação não-verbal do que os introvertidos. Para além disso, os extrovertidos mostraram-se mais confiantes em estar corretos do que os introvertidos. Os mesmos autores hipotetizam que a vantagem dos extrovertidos pode dever-se a capacidades perceptivas e de atenção superiores, ou a capacidades interpretativas e atribucionais superiores ou, ainda, a ambas.

### 1.5 Vinculação e Reconhecimento Emocional: apresentação do constructo

Na Figura 1 representam-se as relações conceptuais entre as variáveis em estudo: estilos de Vinculação - medidos pelo *Relationship Questionnaire* (Bartolomew & Horowitz, 1991) e *Relationship Scales Questionnaire* (Griffin & Bartholomew, 1994b); reconhecimento emocional facial - medido pelo *The NimStim set of Facial Expressions* (Tottenham, et al., 2009) - e paralinguístico - medido pelo *Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções* (Paixão, Coelho, & Ferreira, 2010) - e Extroversão - medida pela escala de Extroversão do *Neo PI-R* (Lima, 1997; Lima & Simões, 2003).

Figura 1



## II – Definição do problema e objetivos

O presente estudo pretende analisar a relação entre os estilos de Vinculação adulta, tal como operacionalizados pelos *Relationship Questionnaire* (RQ) e *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ), e o reconhecimento emocional, ao nível de expressões faciais - *The NimStim set of Facial Expressions* - e ao nível paralinguístico - *Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções* (TRPE). Pretende, ainda, explorar a possibilidade da faceta Extroversão da personalidade, avaliada através do *Neo PI-R*, poder mediar a relação entre os estilos de Vinculação e o reconhecimento emocional.

Um primeiro objetivo deste estudo é verificar a existência de uma relação entre estilos e dimensões de Vinculação, tal como conceptualizados por Bartholomew e Horowitz (1991), e o reconhecimento de emoções aos níveis das expressões faciais e paralinguísticas. Pressupõe-se que os estilos de Vinculação Seguro e/ou Inquieto, bem como uma pontuação superior na dimensão Modelo do Outro sejam preditores de uma maior eficácia no reconhecimento emocional, na sequência de uma visão positiva dos outros e, conseqüentemente, do maior envolvimento com esses outros resultando numa maior capacidade de descodificação emocional; os estilos de Vinculação Desapegado ou Receoso, bem como uma pontuação inferior no Modelo do Outro, pelo contrário, devem estar associados a uma menor eficácia nessa descodificação, conseqüente ao distanciamento colocado na relação.

Um segundo objetivo é verificar a possível *mediação* da variável Extroversão entre estilos de Vinculação, dimensão Modelo do Outro e o reconhecimento emocional. Pressupõe-se a existência de uma relação preditiva positiva entre estilos Seguro (modelos positivos de si e dos outros), Inquieto (modelo negativo de si e positivo dos outros) e dimensão Modelo do Outro e a "Extroversão", e entre estas variáveis e a capacidade de reconhecimento emocional; e uma relação preditiva negativa entre estilos Desapegado (modelo positivo de si e negativo dos outros) e Receoso (modelo negativo de si e dos outros) e a "Extroversão", bem como entre estas variáveis e a capacidade de reconhecimento emocional.

### III – Metodologia

#### 3.1 Amostra

A amostra de conveniência inclui 316 sujeitos, 28 dos quais foram eliminados devido a *missings* elevados e 19 devido a padrões de resposta incongruentes (assinalando dois estilos no RQ, por exemplo).

Desta forma, a amostra analisada é constituída por 269 sujeitos sendo 181 do sexo feminino (67.3%) e 88 do sexo masculino (32.7%). As idades estão compreendidas entre os 17 e os 59 anos; correspondendo as percentagens mais significativas às idades de 18 anos (14.1%), 19 anos (20.8%), 20 anos (21.2%), 21 anos (17.8%) e 22 anos (8.9%). A idade média é de 21.9 anos (DP = 6.8).

Relativamente ao estado civil dos sujeitos, 251 são solteiros (93.3%), 13 são casados (4.8%), 4 vivem em união de facto (1.5%) e 1 é separado(a) ou divorciado(a) (0.4%).

Quanto à nacionalidade, 264 sujeitos (98.2%) são portugueses, havendo um sujeito com nacionalidade portuguesa e canadiana, um sujeito com nacionalidade portuguesa e belga, um sujeito com nacionalidade brasileira, um sujeito com nacionalidade cabo verdiana e um sujeito com nacionalidade venezuelana.

No que diz respeito à profissão, 248 sujeitos definem-se simplesmente como estudantes (92.2%), 7 como técnicos e profissionais intermédios (2.6%), 4 como intelectuais e/ou cientistas (1.5%), 4 como administrativos

(1.5%), 2 como ligados aos serviços (0.7%), 1 como desempregado (0.4%) e outro classifica a sua atividade na categoria "outras". Dois indivíduos não responderam a este item.

Relativamente às qualificações académicas 1 sujeito tem o 2º ciclo (0.4%), um sujeito tem o 3º ciclo (0.4%), 211 sujeitos têm o ensino secundário ou profissional (78.4%), um sujeito tem o bacharelato (0.4%), 54 sujeitos têm a licenciatura (20.1%) e um sujeito tem o mestrado (0.4%).

## 3.2 Instrumentos

### 3.2.1 Vinculação

Para o estudo da Vinculação foram utilizados dois instrumentos: o *Relationship Questionnaire* (RQ) (Bartholomew & Horowitz, 1991) e o *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ) (Griffin & Bartholomew, 1994b).

Estes instrumentos permitem a obtenção de quatro protótipos dimensionais de Vinculação partindo do princípio que os sujeitos não possuem características de apenas um estilo de Vinculação.

A partir dos protótipos é possível derivar dois modelos, um correspondente à visão de si e outro à visão dos outros. Partindo do referido princípio de que os indivíduos possuem características dos quatro protótipos, e que todos exercem influência na forma como estes se relacionam com os outros, utiliza-os para analisar a positividade com que o indivíduo se vê a si, e aos outros. O Modelo do Outro é calculado somando os níveis obtidos nos protótipos com uma visão positiva do outro – Seguro e Inquieto, sendo-lhe subtraída a soma dos níveis dos protótipos com uma visão negativa dos outros – Desapegado e Receoso. Da mesma forma, o Modelo do *Self* é calculado pela soma dos protótipos com uma visão positiva de si – Seguro e Desapegado – à qual é subtraída a soma dos protótipos com uma visão negativa de si – Receoso e Inquieto.

O *Relationship Questionnaire* foi utilizado para estudar a Vinculação a nível categorial e o *Relationship Scales Questionnaire* para a estudar a nível dimensional.

#### 3.2.1.1 *Relationship Questionnaire* (RQ)

O RQ (Bartholomew & Horowitz, 1991) é uma medida constituída por quatro parágrafos curtos, descrevendo um padrão protótipo de Vinculação que se aplica nas relações próximas de pares de adultos. Os participantes são convidados a avaliar o seu grau de correspondência para cada um dos protótipos - Seguro, Receoso, Inquieto ou Desapegado - numa escala de 7 pontos, e a assinalar aquele que melhor lhes corresponde.

#### 3.2.1.2 *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ)

O RSQ (Griffin & Bartholomew, 1994b) contém 30 breves declarações extraídas das medidas de Vinculação de Hazan e Shaver (1987), do *Relationship Questionnaire* (Bartholomew & Horowitz, 1991), e da *Adult Attachment Scale* (Collins & Read, 1990). Os participantes devem cotar numa escala de 5 pontos, a medida em que cada afirmação descreve melhor

o seu estilo característico nas relações próximas. Cinco dos itens contribuem para os protótipos de Vinculação Seguro e Desapegado e quatro itens contribuem para os protótipos de Vinculação Receoso e Inquieto. As pontuações para cada protótipo de Vinculação são derivadas calculando a média dos quatro ou cinco itens representantes de cada protótipo de Vinculação. Podem ainda ser derivadas as dimensões subjacentes aos protótipos – Modelo do *Self* e Modelo do Outro.

O RSQ foi concebido para uma avaliação contínua da Vinculação, em protótipos e dimensões, sendo desaconselhada a sua utilização numa abordagem categorial. Desta forma, o RSQ foi utilizado apenas para o cálculo dos protótipos dimensionais e do Modelo do *Self* e do Outro.

### **3.2.2 The NimStim Set of Facial Expressions (NimStim)**

Para o teste de reconhecimento de expressões faciais foi utilizado um conjunto de 31 imagens escolhidas a partir de um total de 672 estímulos constituintes do *The NimStim set of facial expressions* (NimStim) (Tottenham, et al., 2009). Estas imagens foram escolhidas tendo em conta a etnia e idade dos participantes, de forma a corresponderem maioritariamente às características da população a que se destinavam. Foram apresentadas em formato *PowerPoint*. Como primeiro diapositivo da apresentação foi colocado um fundo de cor preta sem qualquer imagem, iniciando-se a apresentação ao pressionar de uma tecla. Cada diapositivo continha uma expressão facial, intercalada por um *PowerPoint* semelhante ao utilizado no início da apresentação. Os diapositivos com expressões faciais foram identificados por um número de ordem, visível na apresentação. Cada imagem teve um tempo exposição de oito segundos, seguido do diapositivo neutro (de cor preta) com uma exposição de 3 segundos.

### **3.2.3 Teste de Reconhecimento Paralíngüístico das Emoções (TRPE)**

Para o teste de reconhecimento emocional ao nível paralingüístico foi utilizado o Teste de Reconhecimento Paralíngüístico das Emoções (TRPE) (Paixão, Coelho, & Ferreira, 2010). O TRPE é um instrumento baseado no Paradigma do Conteúdo Estandarizado (Laukka, 2004) que pretende avaliar a capacidade dos sujeitos identificarem corretamente emoções a partir de uma mesma frase. Foram estudadas cinco emoções: Alegria, Raiva, Medo, Tristeza e Surpresa. A versão utilizada inclui 31 itens sonoros, ao longo dos quais os atores reproduzem uma mesma frase com tonalidades emocionais diferentes: “Vou sair, volto mais tarde, depois digo qualquer coisa”. Cada estímulo é acompanhado por uma voz *off* masculina neutra, que o identifica com o número da grelha de resposta, sendo o tempo aproximado entre a apresentação do estímulo e o início da gravação de 5 segundos. Após ouvir a gravação os sujeitos têm 10 segundos para assinalar na grelha de resposta a emoção que lhes parece estar representada na frase.

### 3.2.4 Neo PI-R - Extroversão

Para a avaliação da Extroversão foi utilizada a versão portuguesa do *Neo PI-R* (Lima, 1997; Lima & Simões, 2003), tendo sido utilizados os 48 itens correspondentes a este domínio da personalidade, tendo-se mantido a ordem de apresentação do questionário original.

### 3.3 Procedimentos de Investigação

Numa primeira fase da investigação foram realizadas as traduções dos questionários RQ e RSQ para a Língua Portuguesa, após a obtenção de autorização dos autores. O procedimento utilizado foi o da tradução – retroversão, utilizando para o efeito um tradutor e três retrovertores com bom conhecimento das línguas Inglesa e Portuguesa. As versões obtidas nas várias retroversões foram então comparadas com as versões originais das escalas, tendo-se optado pelas mais próximas. O pré-teste foi realizado com 10 sujeitos a quem foi pedido que respondessem em voz alta às escalas, de forma a poderem ser identificadas dúvidas, expressões confusas e erros na construção das frases.

Na recolha da amostra os protocolos foram aplicados em grupo, em salas devidamente adaptadas para o efeito. Para a recolha dos dados relativos ao NimStim foram utilizados computadores pessoais, com recurso a um *data show*, sendo os estímulos apresentados em formato *PowerPoint*. Relativamente ao TRPE foram utilizados computadores portáteis com recurso a sistemas áudio autónomos.

O protocolo incluiu, ainda, um questionário sociodemográfico e a avaliação de problemas neurológicos ou percetivos capazes de colocar dificuldades/enviesamentos nas respostas aos NimStim e TRPE.

## IV - Resultados

### 4.1 Estatística Descritiva

No NimStim, as taxas médias de acerto variam entre os 56.03% (Medo) e os 93.16% (Surpresa). O total de afetos negativos apresenta uma percentagem média de acertos de 70.89% enquanto que a taxa para a emoção positiva (Alegria) é de 86.14%. A taxa média de acerto para a totalidade das emoções é de 77.85% (*cf.* Tabela 1, Anexo I).

Para o TRPE, as taxas médias de acerto variam entre os 88.48% (Surpresa) e os 96.39% (Raiva). O total de afetos negativos apresenta uma percentagem média de acertos de 95.05% e para a emoção positiva presente (Alegria) é de 95.56%. A totalidade das emoções apresenta uma taxa de acerto média de 94.09% (*cf.* Tabela 2, Anexo I).

Relativamente ao RQ, na classificação por estilos de Vinculação, 37.2% dos sujeitos classificou-se como Seguro, 22.7% como Desapegado, 22.3% como Receoso e 17.8% como Inquieto. Relativamente à classificação dos indivíduos claramente pertencentes a cada um dos estilos, 38.9% classificou-se como Seguro, 26.2% como Desapegado, 20.8% como Receoso e 14,1% como Inquieto (*cf.* Tabelas 3 e 4, Anexo I).

No RSQ, para a classificação em protótipos dimensionais, numa

escala de 1 a 5, o Seguro apresenta um valor médio de 2.92 (DP = 0.52), o Receoso de 2.62 (DP = 0.70), o Inquieto de 2.78 (DP = 0.70) e o Desapegado de 3.13 (DP = 0.66). Quanto à classificação em dimensões, o Modelo do *Self* apresenta um valor mínimo de -3.35 e um máximo de 4.00, com um valor médio de 0.65 (DP = 1.35). O Modelo do Outro apresenta um mínimo de -4.70 e um máximo de 3.55, com um valor médio de -0.05 (DP = 1.59) (cf. Tabelas 5 e 6, Anexo I).

A Extroversão apresenta um valor mínimo de 65 e um máximo de 163, sendo a média de 118.24 (DP = 19.49) (cf. Tabela 7, Anexo I).

#### **4.2 Estudo da relação e da estabilidade temporal entre o *Relationship Questionnaire* (RQ) e o *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ)**

A estabilidade temporal do *Relationship Questionnaire* (RQ) e do *Relationship Scales Questionnaire* (RSQ) foi determinada através de uma segunda aplicação do protocolo a um grupo de 46 sujeitos. O intervalo de tempo entre as duas aplicações do protocolo foi de sensivelmente duas semanas.

As correlações de *Pearson* mais elevadas para os protótipos do RQ, nas duas passagens, são as obtidas para o protótipo Inquieto ( $r = .68, p < .001$ ), apresentado o protótipo Seguro as mais baixas ( $r = .51, p < .001$ ). Relativamente às dimensões, o Modelo do *Self* apresenta a mais elevada ( $r = .74, p < .001$ ) e o Modelo do Outro a mais baixa ( $r = .51, p < .001$ ) (cf. Anexo II, Tabela 10). Para os protótipos do RSQ, os valores das correlações variam entre o valor obtido para o protótipo Inquieto ( $r = .39, p < .001$ ) e o obtido para o protótipo Receoso ( $r = .65, p < .001$ ). Quanto às dimensões, o valor mais elevado é o obtido para o Modelo do *Self* ( $r = .53, p < .001$ ) apresentando o Modelo do Outro um valor mais baixo ( $r = .48, p < .001$ ) (cf. Anexo II, Tabela 11).

Foram também realizadas correlações de *Pearson* entre os protótipos e dimensões comuns do RQ e do RSQ, tendo sido encontrados valores moderados a fortes e estatisticamente significativos. Para os protótipos os valores variam entre os obtidos para o protótipo Seguro ( $r = .52, p < .001$ ) e para o Receoso ( $r = .61, p < .001$ ) (cf. Anexo II, Tabela 12). Para as dimensões, os valores obtidos são: Modelo do *Self* ( $r = .65, p < .001$ ) e Modelo do Outro ( $r = .71, p < .001$ ) (cf. Anexo II, Tabela 13).

#### **4.3 Análise da Vinculação (RQ e RSQ) enquanto variável preditora do Reconhecimento Emocional (NimSim)**

Para verificar se as taxas de acerto no NimStim são preditas pelo RQ foram realizadas regressões lineares múltiplas hierárquicas, controlando o efeito da variável género. Como preditores foram utilizados as categorias de Vinculação na forma de variáveis *dummy* em comparação com a categoria Seguro. Numa primeira fase, os grupos de Vinculação foram criados utilizando o protótipo em que cada sujeito obteve a pontuação mais elevada. Numa segunda fase foi realizada uma nova categorização dos grupos de Vinculação utilizando apenas os sujeitos claramente pertencentes a cada um

dos protótipos de Vinculação. Para tal, apenas foram considerados pertencentes a um grupo os indivíduos que apresentam uma distância de pelo menos 2 pontos de diferença (na escala de 1 a 7 do instrumento) para todos os restantes grupos de Vinculação.

Os valores descritivos para as variáveis de reconhecimento emocional (NimStim e TRPE) em função das categorias de Vinculação são apresentados nas Tabelas 8 e 9 do Anexo I.

Relativamente ao NimStim foram utilizadas as taxas de acerto para a totalidade das emoções, as emoções negativas e a emoção positiva (que corresponde apenas à Alegria, uma vez que é a única emoção positiva presente). Foi ainda utilizada a taxa de acerto de cada emoção tomada individualmente.

No caso das categorias de Vinculação do RQ verificou-se que estas *não predizem* as taxas de acerto no NimStim, considerando a totalidade das emoções, a totalidade das emoções negativas e a emoção positiva (Alegria).

O estudo das taxas de acerto para cada uma das emoções individuais revelou, contudo, que a Surpresa é *predita* pelas categorias de Vinculação. Os grupos de Vinculação Receoso ( $\beta = .166$ ,  $t = 2.439$ ,  $p = .015$ ), Inquieto ( $\beta = .168$ ,  $t = 2.511$ ,  $p = .013$ ), e Desapegado ( $\beta = .163$ ,  $t = 2.430$ ,  $p = .016$ ), apresentam um reconhecimento superior estatisticamente significativo relativamente ao grupo Seguro.

**Tabela 1. Análise do poder preditivo das categorias de Vinculação (RQ) no reconhecimento emocional da Surpresa (NimStim) controlando a variável género**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	92.486	0.988	
Género	2.059	1.727	.073
Passo 2			
Constante	88.839	1.492	
Género	2,832	1.736	.100
Seguro vs Receoso	5.309	2.176	.166*
Seguro vs Inquieto	5.811	2.314	.168*
Seguro vs Desapegado	5.175	2.130	.163*

Nota:  $R^2 = .005$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .038$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \* $p < .05$

Relativamente aos sujeitos claramente pertencentes a cada categoria de Vinculação, também *não se verificou qualquer predição* das taxas de acerto no NimStim considerando a totalidade das emoções, as emoções negativas e a Alegria (que corresponde à única emoção positiva em estudo).

O estudo das taxas de acerto para cada uma das emoções tomadas individualmente revelou, contudo, que a Surpresa e a Tristeza são preditas pelas categorias de Vinculação. Para a Surpresa os grupos de Vinculação Receoso ( $\beta = .186$ ,  $t = 2.065$ ,  $p = .041$ ), Inquieto ( $\beta = .192$ ,  $t = 2.188$ ,  $p = .030$ ), e Desapegado ( $\beta = .193$ ,  $t = 2.142$ ,  $p = .034$ ), apresentam um reconhecimento superior estatisticamente significativo relativamente ao

grupo Seguro. Para a Tristeza o grupo de Vinculação Desapegado ( $\beta = .267$ ,  $t = 2.991$ ,  $p = .003$ ), apresenta um reconhecimento superior estatisticamente significativo relativamente ao grupo Seguro.

**Tabela 2. Análise do poder preditivo das categorias de Vinculação (RQ) no reconhecimento emocional da Surpresa (NimStim) controlando a variável género (sujeitos com padrões de Vinculação bem definidos)**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	92.157	1.368	
Género	1.886	2.436	.064
Passo 2			
Constante	87.948	2.005	
Género	2,681	2.418	.091
Seguro vs Receoso	6.285	3.044	.186*
Seguro vs Inquieto	7.604	3.475	.192*
Seguro vs Desapegado	6.030	2.814	.193*

Nota:  $R^2 = .004$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .053$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \* $p < .05$

**Tabela 3. Análise do poder preditivo das categorias de Vinculação (RQ) no reconhecimento emocional da Tristeza (NimStim) controlando a variável género (sujeitos com padrões de Vinculação bem definidos)**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	75.163	1.924	
Género	1.871	3.426	.045
Passo 2			
Constante	71.400	2.793	
Género	1.916	3.367	.046
Seguro vs Receoso	4.639	4.239	.097
Seguro vs Inquieto	-2.015	4.840	-.036
Seguro vs Desapegado	11.722	3.919	.267**

Nota:  $R^2 = .002$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .072$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \*\* $p < .01$ .

Para verificar se as taxas de acerto no NimStim são preditas pelo RSQ foram realizadas regressões lineares múltiplas hierárquicas, controlando o efeito da variável género. Na análise do poder preditivo dos protótipos dimensionais do RSQ, uma vez que implica a utilização de todos os sujeitos da amostra para cada uma das dimensões, optou-se pela realização de regressões separadas para cada um.

No NimStim foram utilizadas as taxas de acerto para a totalidade das emoções, para a totalidade das emoções negativas e para a Alegria (emoção positiva). Foi ainda realizado o estudo utilizando a taxa de acerto de cada emoção tomada individualmente.

Nenhum dos protótipos (dimensionais) do RSQ prediz as taxas de acerto no NimStim quer para a totalidade das emoções, quer para a positiva,

quer para as negativas. O mesmo aconteceu relativamente às emoções tomadas individualmente.

Também as dimensões de Vinculação do RSQ não predizem as taxas de acerto no NimStim e isto considerando a totalidade das emoções, as emoções negativas e a positiva.

O estudo das taxas de acerto para cada uma das emoções consideradas individualmente revelou que apenas o Medo é predito de forma estatisticamente significativa pelas dimensões de Vinculação. Destas, apenas o Modelo do Outro apresenta um poder preditivo estatisticamente significativo ( $\beta = .124$ ,  $t = 2.034$ ,  $p = .043$ ). Deve realçar-se, no entanto, que o modelo explica uma percentagem muito baixa de variância, 1.5%.

**Tabela 4. Análise do poder preditivo do Modelo do Outro (RSQ) na percentagem de reconhecimento emocional do Medo (NimStim) controlando a variável género**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	57.745	1.551	
Género	-5.239	2.712	-.117
Passo 2			
Constante	58.029	1.548	
Género	-5.847	2.713	-.131
Modelo do Outro RSQ	1.629	0.801	.124*

Nota:  $R^2 = .014$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .015$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \* $p < .05$ .

#### 4.4 Análise da Vinculação (RQ e RSQ) enquanto variável preditora do Reconhecimento Emocional (TRPE)

Para verificar se as taxas de acerto no TRPE são preditas pelo RQ foi repetido o procedimento realizado para o NimStim, utilizando regressões lineares múltiplas hierárquicas, controlando o efeito da variável género. Desta forma, como preditores foram utilizados as categorias de Vinculação na forma de variáveis *dummy* em comparação com a categoria Seguro. Foram também utilizadas as categorias com os indivíduos claramente pertencentes a cada um dos protótipos de Vinculação.

No TRPE foram utilizadas as taxas de acerto para a totalidade das emoções, para as emoções negativas e para a emoção positiva. Foi ainda utilizada a taxa de acerto de cada emoção tomada individualmente.

Neste sentido, as categorias de Vinculação do RQ evidenciaram não ter qualquer poder preditivo das taxas de acerto no TRPE quer para a totalidade das emoções, quer para as emoções negativas, quer para a positiva. O mesmo aconteceu com as emoções consideradas em separado. Verificou-se o mesmo quando o procedimento foi repetido utilizando apenas os sujeitos claramente pertencentes a cada categoria de Vinculação.

Para estudar se o RSQ prediz as taxas de acerto no TRPE, utilizou-se um procedimento semelhante ao realizado com o NimStim. Assim, foram realizadas regressões lineares múltiplas hierárquicas, com controlo para o género. Como preditores, foram utilizados os quatro protótipos

(dimensionais) de Vinculação, Seguro, Inquieto, Receoso e Desapegado; e as dimensões Modelo do *Self* e Modelo do Outro. Mais uma vez, no caso dos protótipos dimensionais, optou-se pela realização de regressões separadas para cada um.

No TRPE foram utilizadas as taxas de acerto para a totalidade das emoções, para as emoções negativas e para a Alegria (emoção positiva). Foi ainda utilizada a taxa de acerto de cada emoção individual.

Examinando o poder preditivo dos protótipos de Vinculação do RSQ, verifica-se que apenas o protótipo Inquieto é um preditor estatisticamente significativo das taxas de acerto no TRPE para a totalidade das emoções.

**Tabela 5. Análise do poder preditivo do protótipo Inquieto (RSQ) na percentagem de reconhecimento emocional total (TRPE) controlando a variável género**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	94.780	0.474	
Género	-2.100	0.829	-.153*
Passo 2			
Constante	90.979	1.838	
Género	-2.059	0.824	-.150*
Protótipo Inquieto RSQ	1.361	0.636	.129*

$R^2 = .023$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .017$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \* $p = .05$ .

Analisando o modelo verifica-se que o passo 1 explica 2.3% da variância observada na percentagem de acerto total no TRPE, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(1,267)} = 6.414$ ,  $p = .012$ ]. Quando o protótipo de Vinculação é inserido (passo 2), verifica-se um aumento do valor da variância explicada para 4.0%, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(1,266)} = 4.577$ ,  $p = .033$ ].

Analisando os coeficientes de regressão verifica-se que os indivíduos do género masculino apresentam diferenças de reconhecimento emocional significativas relativamente aos do género feminino, sendo menos eficazes ( $\beta = -.150$ ,  $t = -2.498$ ,  $p = .013$ ). Verifica-se também que o protótipo Inquieto tem um poder preditivo estatisticamente significativo ( $\beta = .129$ ,  $t = 2.139$ ,  $p = .033$ ).

Para Alegria (emoção positiva), ao examinar o poder preditivo dos protótipos de vinculação do RSQ, verifica-se que apenas o protótipo Inquieto prediz as taxas de acerto no TRPE.

**Tabela 6. Análise do poder preditivo do protótipo Inquieto (RSQ) na percentagem de reconhecimento emocional da Alegria (TRPE) controlando a variável género**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	96.290	0.763	
Género	-2.223	1.334	-.101
Passo 2			

Constante	90.052	2.956	
Género	-2.155	1,325	-.098
Protótipo Inquieto RSQ	2.235	1.023	.132*

$R^2 = .010$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .017$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \* $p < .05$ .

Analisando o modelo verifica-se que o passo 1 explica 1.0% da variância observada na percentagem de acerto para as emoções positivas (Alegria) no TRPE, não sendo estatisticamente significativo [ $F_{(1,267)} = 2.776$ ,  $p = .097$ ]. Quando o protótipo de Vinculação é inserido (passo 2), verifica-se um aumento do valor da variância explicada para 2.8%, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(1,266)} = 4.767$ ,  $p = .030$ ].

Analisando os coeficientes de regressão verifica-se que os indivíduos do género masculino não apresentam diferenças de reconhecimento emocional significativas relativamente aos do género feminino ( $\beta = -.098$ ,  $t = -1.626$ ,  $p = .105$ ). Verifica-se também que protótipo Inquieto tem um poder preditivo estatisticamente significativo ( $\beta = .132$ ,  $t = 2.183$ ,  $p = .030$ ).

Relativamente ao Medo, apenas o protótipo Inquieto prediz as taxas de acerto no TRPE.

**Tabela 7. Análise do poder preditivo do protótipo Inquieto (RSQ) na percentagem de reconhecimento emocional da Medo (TRPE) controlando a variável género**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Passo 1			
Constante	94.144	0.915	
Género	-4.877	1.600	-.183**
Passo 2			
Constante	84.745	3.527	
Género	-4.774	1,581	-.179
Protótipo Inquieto RSQ	3.366	1.221	.164**

$R^2 = .034$  para o passo 1,  $\Delta R^2 = .027$  para o passo 2 ( $p < .05$ ). \*\* $p < .01$ .

Analisando o modelo verifica-se que o passo 1 explica 3.4% da variância observada na percentagem de acerto para o Medo no TRPE, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(1,267)} = 9.289$ ,  $p = .003$ ]. Quando o protótipo de Vinculação é inserido (passo 2), verifica-se um aumento do valor da variância explicada para 6.0%, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(1,266)} = 7.602$ ,  $p = .006$ ].

Analisando os coeficientes de regressão verifica-se que os indivíduos do género masculino apresentam diferenças de reconhecimento emocional significativas relativamente aos do género feminino, sendo menos eficazes ( $\beta = -.179$ ,  $t = -3.019$ ,  $p = .003$ ). Verifica-se também que protótipo Inquieto tem um poder preditivo estatisticamente significativo ( $\beta = .164$ ,  $t = 2.757$ ,  $p = .006$ ).

Para qualquer um dos casos anteriores deve salientar-se a baixa percentagem de variância explicada pelo modelo.

Para o conjunto das emoções negativas verifica-se que nenhum dos protótipos de Vinculação do RSQ prediz de forma estatisticamente significativa as taxas de acerto no TRPE, acontecendo o mesmo relativamente à Tristeza, à Raiva e à Surpresa.

As dimensões de Vinculação do RSQ (Modelo do *Self* e Modelo do *Outro*) não predizem as taxas de acerto no TRPE em nenhum caso - totalidade das emoções, conjunto das emoções negativas, positiva (Alegria), e emoções consideradas individualmente.

#### 4.5 Análise das relações entre a Vinculação (RQ e RSQ) e Extroversão

Foram realizadas correlações de *Pearson* e regressões lineares múltiplas no sentido de estudar a relação entre a Vinculação como avaliada pelo RQ e pelo RSQ e a Extroversão.

Relativamente ao RQ o protótipo Seguro correlaciona-se de forma positiva e moderada e de forma significativa com a Extroversão ( $r = .341, p < .001$ ). O protótipo Receoso e a Extroversão apresentam uma correlação negativa moderada e significativa ( $r = -.358, p < .001$ ). O protótipo Inquieto e a Extroversão apresentam uma correlação negativa fraca mas estatisticamente significativa ( $r = -.162, p < .001$ ). O protótipo Desapegado e a Extroversão não se correlacionam de forma significativa ( $r = -.080, p = .097$ ).

Relativamente às categorias de Vinculação avaliadas pelo RQ, verifica-se que, comparativamente com a categoria Seguro, todas as restantes apresentam um nível inferior de Extroversão.

**Tabela 8. Análise do poder preditivo das categorias de Vinculação (RQ) na Extroversão**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Constante	126.366	1.792	
Seguro vs. Receoso RQ	-16.702	2.926	-.366***
Seguro vs. Inquieto RQ	-12.897	3.146	-.260***
Seguro vs. Desapegado RQ	-9.243	2.911	-.204***

$R^2 = .125$  ( $p < .001$ ). \*\*\* $p < .001$ .

O modelo explica 12.5% da variância, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(3,265)} = 16.653, p = .000$ ].

Todos os grupos de Vinculação apresentam diferenças estatisticamente significativas relativamente ao Seguro, apresentando este o maior nível de Extroversão, seguindo-se-lhe o Desapegado, o Inquieto e o Receoso.

A aplicação deste modelo aos sujeitos com padrões de Vinculação bem definidos evidenciou resultados semelhantes (Tabela 9).

**Tabela 9. Análise do poder preditivo das categorias de Vinculação (RQ) na Extroversão**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Constante	128.539	2.274	
Seguro vs. Receoso RQ	-15.978	3.854	-.356***
Seguro vs. Inquieto RQ	-11.386	4.411	-.218**
Seguro vs. Desapegado RQ	-9.222	3.587	-.223**

$R^2 = .120$  ( $p < .001$ ). \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$ .

O modelo explica 12.0% da variância, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(3,145)} = 6.576$ ,  $p = .000$ ].

Relativamente aos vários grupos de Vinculação, verifica-se que todos apresentam diferenças estatisticamente significativas relativamente ao Seguro, sendo este o que apresenta um nível superior de Extroversão, seguindo-se-lhe o Inquieto, o Desapegado e o Receoso.

Relativamente ao RSQ, o protótipo Seguro e a Extroversão apresentam uma correlação positiva moderada e significativa ( $r = .435$ ,  $p < .001$ ). O protótipo Receoso a Extroversão correlacionam-se negativa, moderada e significativamente ( $r = -.385$ ,  $p < .001$ ). O protótipo Inquieto e a Extroversão não se correlacionam de forma significativa ( $r = -.0132$ ,  $p = .132$ ). O protótipo Desapegado e a Extroversão apresentam uma correlação negativa baixa e não significativa ( $r = -.089$ ,  $p = .073$ ).

Analisando o poder preditivo dos protótipos (dimensionais) de Vinculação sobre a Extroversão, verifica-se que o Seguro e o Receoso apresentam um poder preditivo estatisticamente significativo. Tal como anteriormente, uma vez que a análise do poder preditivo dos protótipos dimensionais do RSQ implica a utilização de todos os sujeitos da amostra para cada uma das dimensões, optou-se pela realização de regressões separadas para cada um.

**Tabela 10. Análise do poder preditivo do protótipo Seguro (RSQ) na Extroversão**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Constante	71.763	5.985	
Protótipo Seguro RSQ	15.912	2.017	.435***

$R^2 = .189$  ( $p < .001$ ). \*\*\* $p < .001$ .

Com o protótipo Seguro o modelo explica 18.9 % da variância observada na Extroversão, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(4,267)} = 62.208$ ,  $p = .000$ ]. Analisando o coeficiente de regressão verifica-se que o protótipo Seguro ( $\beta = .435$ ,  $t = 7.887$ ,  $p = .000$ ) tem um poder preditivo estatisticamente significativo.

**Tabela 11. Análise do poder preditivo do protótipo Receoso (RSQ) na Extroversão**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Constante	66.572	12.711	
Protótipo Receoso RSQ	-8.004	1.789	-.385***

$R^2 = .148$  ( $p < .001$ ). \*\*\* $p < .001$ .

Com o protótipo Receoso o modelo explica 14.8% da variância observada na Extroversão, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(4,267)} = 46.408, p = .000$ ]. Analisando o coeficiente de regressão verifica-se que o protótipo Receoso ( $\beta = -.385, t = -6.812, p = .000$ ) tem um poder preditivo estatisticamente significativo. Deve realçar-se o sentido negativo da relação entre o protótipo Receoso e a Extroversão, ou seja, quanto mais Receosos são os indivíduos, menor é o seu nível de Extroversão.

A dimensão Modelo do *Self* e a Extroversão apresentam uma correlação moderada, positiva e estatisticamente significativa ( $r = .291, p < .001$ ). A dimensão Modelo do Outro correlaciona-se também de forma positiva, moderada e estatisticamente significativa com a Extroversão ( $r = .374, p < .001$ ).

Analisando o poder preditivo das dimensões de Vinculação Modelo do *Self* e Modelo do Outro sobre a Extroversão, verifica-se que ambas apresentam um poder preditivo estatisticamente significativo.

**Tabela 12. Análise do poder preditivo das dimensões Modelo do Self e Modelo do Outro (RSQ) na Extroversão**

Variável	B	Erro Padrão	$\beta$
Constante	115.853	1.142	
Modelo do Self RSQ	4.036	0.761	.287***
Modelo do Outro RSQ	4.432	0.647	.370***

Nota:  $R^2 = .222 (p < .001)$ . \*\*\* $p < .001$ .

O modelo explica 22.2% da variância observada na Extroversão, sendo estatisticamente significativo [ $F_{(2,266)} = 37.931, p = .000$ ]. Através da análise dos coeficientes de regressão pode verificar-se que tanto o Modelo do *Self* ( $\beta = .287, t = 5.303, p < .001$ ) como o Modelo do Outro ( $\beta = .370, t = 6.850, p < .001$ ) são preditores estatisticamente significativos da Extroversão.

#### **4.6 Análise da Extroversão como mediadora do Reconhecimento Emocional**

Para analisar a possibilidade da Extroversão exercer um efeito mediador na predição das taxas de acerto no NimStim e no TRPE, observaram-se as alterações dos padrões assumidos pelos pesos dos valores de  $\beta$  estatisticamente significativos das variáveis envolvidas após a introdução da Extroversão no modelo, analisando-se também o valor assumido pelo  $\beta$  da Extroversão.

Verificou-se que o  $\beta$  da Extroversão não assume um valor preditivo estatisticamente significativo na predição do reconhecimento emocional quer para o NimStim, quer para o TRPE, pelo que se pode inferir que não desempenha um papel mediador na relação entre Vinculação e reconhecimento emocional (*cf.* Tabelas 14 e 15, Anexo III).

## V - Discussão

A Teoria da Vinculação diz-nos que os bebés, ao longo do tempo, partindo das trocas com aqueles que os rodeiam, se vão tornando capazes de interiorizar as interações precoces em que participam, de tal forma que estas relações precoces de Vinculação formam um protótipo para relacionamentos posteriores fora da família (Bowlby, 1973). Estes modelos operantes internos dinâmicos orientam a criança na sua forma de perceber as relações interpessoais e de se comportar nelas (Miljkovitch, 2002). Desta forma organizam-se dois modelos: o que a criança tem de si – mais ou menos merecedora de ser amada - e o que tem dos outros – mais ou menos atentos e sensíveis às suas necessidades. Bartholomew e Horowitz (1991) apresentam-nos uma forma de analisar estes modelos no adulto, derivando-os de quatro protótipos dimensionais de Vinculação.

Na primeira fase desta investigação, procurou verificar-se se a colocação dos indivíduos em categorias de Vinculação, utilizando para tal o protótipo em que apresentavam a pontuação mais elevada, predizia o reconhecimento emocional. Para tal, foi utilizado apenas o *Relationship Questionnaire* como forma de avaliar a Vinculação. Foi ainda feita uma nova colocação dos sujeitos em categorias de Vinculação, utilizando desta vez apenas os sujeitos que se situam claramente em cada uma das categorias (apresentando uma diferença de pelo menos dois pontos na escala relativamente a todas as outras categorias). Relativamente ao *Relationship Scales Questionnaire*, os autores referem que este instrumento não deve ser usado para avaliar categorialmente estes perfis, razão pela qual serviu para trabalhar dimensionalmente o constructo.

Numa segunda fase da investigação estudou-se o poder preditivo de cada um dos protótipos dimensionais de Vinculação no reconhecimento emocional. Desta forma, verificou-se a influência da variação intra-protótipo no reconhecimento emocional. Nesta fase foi utilizado o *Relationship Scales Questionnaire* para avaliar a Vinculação. Tal como anteriormente, esperava-se que uma maior pontuação nos protótipos Seguro e Inquieto, na sequência de um modelo positivo dos outros, fosse preditora de um reconhecimento emocional superior, quer ao nível das expressões faciais, quer ao nível paralinguístico.

As duas formas de avaliação anteriores foram complementadas com o estudo dos indicadores "Modelo do Outro" e "Modelo do *Self*". Considerando que no cálculo destes indicadores são utilizados os quatro protótipos em conjunto, o resultado de cada um deles considera, no fundamental, a influência das pontuações conjuntas nos quatro protótipos de cada sujeito, patentes na forma mais positiva ou negativa como se veem a si mesmos e como veem os outros.

Numa terceira fase estudou-se o poder preditivo da Vinculação na Extroversão e se esta exerce um papel mediador na predição do reconhecimento emocional.

Na abordagem categorial, esperava-se que os indivíduos colocados

nas categorias Seguro e Inquieto, na sequência de um modelo positivo dos outros, apresentassem um reconhecimento emocional superior, quer ao nível das expressões faciais, quer ao nível paralinguístico.

Relativamente ao reconhecimento das expressões faciais, apenas se verificaram resultados significativos para a Surpresa. Tanto os grupos Receoso, como Inquieto e Desapegado, apresentaram diferenças significativas no reconhecimento emocional, sendo a taxa de reconhecimento emocional em todos eles, superior à verificada no grupo Seguro. Seria de esperar que o grupo Seguro representasse uma vantagem de reconhecimento emocional, principalmente em relação aos estilos Receoso e Desapegado, na sequência da sua visão negativa dos outros.

Relativamente ao estilo Receoso, uma vez que alia o sentimento de falta de valor próprio à expectativa de que os outros são rejeitantes e não merecedores de confiança, protegendo-se contra a rejeição antecipada através do evitamento (Bartholomew & Horowitz, 1991), esperava-se não ter um nível de envolvimento que permitisse uma boa capacidade de reconhecimento emocional.

Os indivíduos pertencentes ao estilo Desapegado tendem a proteger-se contra o desapontamento, evitando relações próximas e mantendo um sentimento de independência e de invulnerabilidade (Bartholomew & Horowitz, 1991). Tendem também a apresentar falta de confiança e a valorizar a independência e o êxito, evitando a intimidade (Perdereau & Atger, 2002), desvalorizando-a (Magai et al., 2000). Seria assim de esperar uma desvantagem no reconhecimento emocional relativamente ao grupo Seguro.

Quanto ao estilo Inquieto, uma vez que combina o sentimento de falta de valor, de não merecer ser amado, com a avaliação positiva dos outros, pode levar a pessoa a lutar pela aceitação dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991), sendo de esperar um nível de envolvimento nas relações elevado. No entanto, o facto de apresentarem traços ansiosos nas relações interpessoais, aliado ao desejo de aprovação sistemática (Perdereau & Atger, 2002) e à necessidade de aproximação extrema (Magai et al., 2000), podem funcionar de forma inversa ao pretendido, ou seja, como uma força de afastamento dos outros. Desta forma, seria de esperar que isto os colocasse em desvantagem no reconhecimento emocional relativamente ao estilo Seguro.

No entanto, deve ter-se em conta que a categorização em grupos de estilo de Vinculação coloca a questão da perda de informação. Como referem Griffin e Bartholomew (1994b), através de uma abordagem categorial, perde-se informação relativa à presença de características dos restantes estilos de vinculação em cada indivíduo, cuja conjugação pode resultar em características diferentes nos indivíduos colocados dentro de um grupo. Os indivíduos classificados como Seguros podem ter também características dos restantes estilos de vinculação, inclusivamente daqueles que correspondem a uma visão negativa dos outros, fazendo com que esta classificação não avalie esta informação.

Na tentativa de combater esta desvantagem foram utilizadas as

categorias criadas apenas com os indivíduos claramente pertencentes a cada uma. No entanto, os resultados foram semelhantes aos anteriormente obtidos para a Surpresa. Obtiveram-se ainda resultados relativamente à Tristeza, sendo que a categoria Desapegado apresentou diferenças significativas relativamente à categoria Seguro, com um reconhecimento superior, o que é contraditório, uma vez mais, com o esperado.

Com o *Relationship Scales Questionnaire*, e relativamente ao reconhecimento das expressões faciais, *nenhum dos protótipos prediz* significativamente o reconhecimento da totalidade das emoções, o mesmo acontecendo para a Alegria (emoção positiva), e para as emoções tomadas individualmente.

Relativamente ao Modelo do *Self* e Modelo do Outro, apenas o segundo *prediz* o Medo sendo o sentido da predição positivo, de acordo com o esperado.

Para o reconhecimento paralinguístico, ao nível categorial, não se verificaram quaisquer diferenças significativas na predição entre o grupo Seguro e os restantes.

Cooley (2005), no entanto, obteve resultados diferentes, sendo os Indivíduos Seguros e Inquietos mais eficazes do que aqueles que se identificaram como Desapegados ou Receosos no seu estilo de Vinculação, no reconhecimento emocional, particularmente nos tons de voz em adultos.

Com o *Relationship Scales Questionnaire*, ao nível do reconhecimento paralinguístico, o conjunto total das emoções, a Alegria e o Medo *são preditos* pelo protótipo Inquieto. Estes resultados vão no sentido esperado, uma vez que o protótipo Inquieto apresenta uma visão positiva dos outros. A Raiva, a Surpresa e o conjunto das emoções negativas *não são preditos* de forma significativa por nenhum dos protótipos. Mais uma vez, deve ser referido que esta forma de avaliação da Vinculação apenas avalia a diferença intra-protótipo nos indivíduos.

Relativamente ao Modelo do *Self* e do Outro *não se verificou qualquer predição* significativa do reconhecimento emocional.

Vários estudos indicam que uma Vinculação Segura é promotora de uma maior capacidade na descodificação de sinais não-verbais por parte dos outros. Alguns exemplos podem ser encontrados na área dos maus-tratos em crianças (Camras et al., 1988), do estilo de Vinculação das figuras parentais (Haft & Slade, 1989), das interações mães-filho (e.g. Crandell, Fitzgerald, & Whipple, 1997; Isabella, Belsky, & von Eye, 1989; Isabella & Belsky, 1991; Belsky, Taylor, & Rovine, 1984).

Na idade adulta são também vários os estudos que abordam esta questão, como Magai et al. (2000) que encontraram uma associação entre o estilo Seguro e uma maior probabilidade de identificação da Vergonha bem como entre uma pontuação mais elevada da Vinculação ansiosa com uma tendência exagerada para ver expressões de Nojo ou Raiva nas faces das pessoas. No mesmo sentido Niedenthal et al. (2002) concluíram que a

Vinculação evitante está associada à tendência para ver o ponto de mudança das expressões faciais de Alegria e de Raiva mais cedo, associando pelo contrário a Vinculação ansiosa com a tendência para manter a codificação de estímulos por períodos mais longos de tempo.

Os resultados de Cooley (2005) estão mais próximos dos objetivos deste estudo, tendo concluído que os indivíduos que se classificaram como Seguros e Inquietos, ou seja, aqueles com um modelo mais positivo dos outros, foram mais eficazes na descodificação emocional de vozes de adultos, relativamente aos que têm um modelo negativo dos outros – os Desapegados ou Receosos. No entanto, também não encontraram quaisquer diferenças significativas para a descodificação emocional de faces de adultos. No entanto, a amostra utilizada foi pouco representativa, uma vez que consistiu em apenas 59 raparigas estudantes solteiras, e a metodologia por eles utilizada limitou-se a estudar as diferenças entre as médias dos vários grupos de Vinculação.

No entanto, outros fatores podem influenciar esta relação. Por exemplo, os resultados obtidos por Simpson, Ickes e Blackstone (1995) alertam-nos para a maior complexidade do processo. A disponibilidade da figura de Vinculação na idade adulta e, em específico, a dos companheiros em relações românticas, podem influenciar a capacidade de descodificação de sinais não-verbais. Nesse estudo, os indivíduos que descreveram os seus companheiros como mais disponíveis revelaram uma maior precisão na descodificação dos estados internos destes, o que nos mostra que existem variáveis que uma tarefa de reconhecimento com imagens ou gravações não pode ter em conta, e que podem desempenhar um papel importante no processo.

Deve ter-se em conta também que, segundo Russell et al. (2003), é improvável que o recetor se limite simplesmente a descodificar uma mensagem emocional de forma simples e reflexa, alertando para a variedade de interpretações que a descodificação pode envolver, independentemente das emoções em estudo.

De facto, a relação entre reconhecimento emocional e Vinculação pode ser mais indireta do que os resultados sugerem. Devem considerar-se explicações alternativas para a relação entre a Vinculação e o reconhecimento emocional, uma vez que outros atributos podem variar em conjunto com os estilos de Vinculação, como a depressão e ansiedade. Pode haver também diferenças de personalidade que tenham um impacto mais direto na capacidade de reconhecimento emocional.

Deve ainda colocar-se a questão de tanto o *Relationship Questionnaire* como o *Relationship Scales Questionnaire* serem traduções dos instrumentos originais, e não estarem aferidos para a população Portuguesa, bem como o facto da amostra ser constituída maioritariamente por estudantes, não sendo portanto representativa da população portuguesa. Impõe-se, portanto, a realização de mais investigação na área, envolvendo outras variáveis, outros instrumentos e outras populações.

Relativamente à relação da Vinculação com a Extroversão, partindo

das categorias de Vinculação, verifica-se que, tal como se esperava, os indivíduos do grupo de Vinculação Seguro, apresentam níveis de Extroversão superiores aos restantes, sendo os níveis mais baixos os relativos ao grupo Receoso. Esperava-se que, depois do Seguro, o grupo Inquieto apresentasse os valores mais elevados, mas os resultados obtidos colocam o grupo Desapegado nesse lugar. No entanto, utilizando as categorias criadas com os sujeitos claramente pertencentes a cada uma, os resultados vão ao encontro do esperado, sendo os Seguros aqueles que apresentam um maior nível de Extroversão, seguindo-se os Inquietos, Desapegados e Receosos.

Relativamente ao RSQ, os protótipos Seguro e Receoso *são preditores* significativos da Extroversão. No caso do protótipo Seguro a predição tem um sentido positivo. Relativamente ao protótipo Receoso, existe uma predição com sentido negativo, indo ao encontro do esperado.

Estes resultados encontram apoio num conjunto de investigações que encontraram relações semelhantes entre Extroversão e Vinculação (Deniz, 2011; Moreira et al., 1998; Neustadt, Chomorro-Premuzic & Furnham, 2006; Nofle & Shaver, 2006; Shaver & Brennen, 1992).

Analisando o poder preditivo do Modelo do *Self* e do Modelo do Outro na Extroversão, verifica-se que ambos *são preditores* significativos, sendo o Modelo do Outro o preditor mais forte. O modelo de regressão explica 22.2% da variância explicada na Extroversão. Estes resultados vão ao encontro do esperado: os indivíduos com um modelo mais positivo dos outros envolvem-se mais nas relações apresentando um nível de Extroversão mais elevado. Vão ainda ao encontro dos resultados obtidos por Griffin e Bartholomew (1994a).

Relativamente ao objetivo de verificar uma possível mediação da Extroversão entre a Vinculação e o reconhecimento emocional, verificou-se que em nenhum dos casos essa mediação existe, tanto com o RQ como com o RSQ. Embora se verifique uma relação da Extroversão com os Protótipos de Vinculação e com as dimensões Modelo do *Self* e do Outro, esta não medeia o seu poder preditivo no reconhecimento emocional, quer ao nível das expressões faciais, quer ao nível paralinguístico.

### **Conclusões**

Embora o principal objetivo desta investigação se prenda com o estudo da Vinculação no reconhecimento emocional aos níveis da expressão facial e paralinguístico, o primeiro passo foi a tradução dos dois instrumentos de Vinculação utilizados – o RQ e o RSQ. Estes permitem a avaliação da Vinculação em função da forma mais ou menos positiva como o sujeito se vê a si e aos outros. Partindo do princípio que o maior envolvimento com o outro está associado a uma vantagem no reconhecimento emocional, procurou-se estudar também a possibilidade da Extroversão mediar o processo. Os resultados, no entanto, não são claramente suportativos destes pressupostos.

Considerando a Vinculação ao nível categorial, verifica-se que os

resultados para o reconhecimento da totalidade das emoções não são significativos nem ao nível das expressões faciais nem ao nível paralinguístico. Os únicos resultados significativos foram obtidos para a Tristeza e para a Surpresa ao nível das expressões faciais, não indo de encontro ao esperado, ou seja, que o estilo Seguro de Vinculação esteja associado a uma vantagem no reconhecimento emocional, tal como algumas investigações têm vindo a sugerir (e.g., Cooley, 2005; Magai et al., 2000).

Relativamente à influência individual dos protótipos de Vinculação no reconhecimento emocional, os resultados voltam a não estar totalmente de acordo com o esperado.

Para o reconhecimento das expressões faciais, apenas o Modelo do Outro é preditor com sentido positivo do reconhecimento do Medo, indo ao encontro do esperado.

Relativamente ao reconhecimento paralinguístico a totalidade das emoções é predita pelo protótipo Inquieto do RSQ, o que vai ao encontro do esperado, acontecendo o mesmo com a Alegria e o Medo. Não há, no entanto, qualquer resultado significativo com o protótipo Seguro, nem com o modelo do Outro.

Relativamente à Extroversão, verificou-se que, como esperado, esta é *positivamente predita* pelo estilo Seguro e *negativamente* pelo Receoso. O Modelo do Outro também *prediz* positivamente a Extroversão, aumentando esta com a maior positividade da visão do outro. Esperava-se que tal acontecesse, uma vez que os indivíduos com um modelo positivo dos outros deverão envolver-se em relacionamentos mais próximos, enquanto aqueles com uma visão negativa do outro deverão primar pelo evitamento destes.

No entanto, verificou-se que a Extroversão *não exerce um papel mediador* na relação entre a Vinculação e o reconhecimento emocional, quer nas expressões faciais, quer ao nível paralinguístico.

Todos estes dados apontam para a necessidade de aprofundar os estudos na área, de forma a alcançar resultados mais conclusivos. Vários estudos sugerem uma relação da Vinculação com a identificação de pistas não-verbais (e.g., Cooley, 2005; DePaulo, Brittingham & Kaiser, 1983; Magai et al.2000; Kobak & Sceery, 1988; Simpon, Ickes & Blackstone, 1995), mas, no caso do reconhecimento emocional essa relação poderá envolver mais componentes do que aquelas presentes neste estudo. O contexto e a proximidade do sujeito emissor, ou até mesmo o facto de haver todo um conjunto de sinais não-verbais que acompanha a expressão emocional no ser humano poderá ter um papel importante na ativação do sistema de Vinculação, que não pode ser apreendido numa tarefa simples de reconhecimento. Outros elementos como a atenção, questões perceptivas, ou ansiedade, poderão ter uma influência importante numa tarefa deste género, uma vez que o reconhecimento é feito em relação a imagens e sons, sem haver um contexto de relação com o sujeito emissor. A própria artificialidade do meio envolvente no realizar da tarefa poderá ter uma influência negativa, embora esta possa acontecer de forma semelhante em

todos os sujeitos, independentemente da Vinculação.

É necessária mais investigação, utilizando outros instrumentos de Vinculação, de preferência aferidos para a população portuguesa, e uma amostra maior e mais representativa da população.

Seria também importante obter mais estudos com os instrumentos de reconhecimento emocional utilizados, bem como com outros instrumentos de reconhecimento emocional.

### **Bibliografia**

- Ainsworth, M. D., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Akert, R. M., & Panter, A. T. (1988). Extraversion and the ability to decode nonverbal communication. *Personality and Individual Differences*, 9(6), pp. 965-972.
- Bäckstrom, M., & Holmes, B. M. (2001). Measuring adult attachment: a construct validation of two self-report instruments. *Scandinavian Journal of Psychology*, 42, pp. 79-86.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), pp. 226-244.
- Belsky, J., Taylor, D. G., & Rovine, M. (1984). The pennsylvania infant and family development project, II: the development of reciprocal interaction in the mother infant dyad. *Child Development*, 55, pp. 706-717.
- Bowlby, J. (2005). *Apego e perda: vol. 3. perda, tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980).
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: vol. 1. attachment*. London: The Hogarth Press (Trabalho original publicado em 1969).
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979).
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International journal of psycho-analysis*, 39, 350-373.
- Brehm, J. W. (1999). The intensity of emotion. *Personality and Social Psychology Review*, 3(1), pp. 2-22.
- Buck, R. (1984). *The communication of emotion*. New York: Guilford Press.
- Buss, D. M., & Kenrick, D. T. (1998). Evolutionary social Psychology. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey, *The handbook of social psychology* (pp. 982-1026). New York: McGraw-Hill.
- Cacioppo, J. T., & Gardner, W. L. (1999). Emotion. *Annual Review of Psychology*, 50, pp. 191-214.
- Camras, L. A., Ribordy, S., Hill, J., Martino, S., Spaccarelli, S., & Stefani, R. (1988). Recognition and posing of emotional expressions by abused children and their mothers. *Developmental Psychology*, 24(6), pp. 776-781.

- Carver, C. S. (2001). Affect and the functional bases of behavior: on the dimensional structure of affective experience. *Personality and Social Psychology Review* , 5(4), pp. 345-356.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: influence of attachment relationships. *Monographs of the society for reseach in child development* , 59, pp. 228-249.
- Chotai, J., Jonasson, M., Hägglöf, B., & Adolfsson, R. (2005). Adolescent attachment styles and their relation to the temperament and character traits of personality in a general population. *European Psychiatry* , 20, pp. 251-259.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult ttachment, working Models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology* , 58(4), pp. 644-663.
- Cooley, E. L. (2005). Attachment style and decoding of nonverbal cues. *North American Journal of Psychology* , 7 (1), pp. 25-34.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1985). *The neo personality inventory manual*. Odessa: Psychological Assessment Resources.
- Crandell, L. E., Fitzgerald, H. E., & Whipple, E. E. (1997). Dyadic Synchrony in parent–child interactions: a Link with maternal representations of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal* , 18(3), pp. 247-264.
- Darwin, C. (1998). *The expression of emotions in man and animals*. New York: Oxford University Press. (Trabalho original publicado em 1872).
- Deniz, M. E. (2011). An investigation of decision making styles and the five-factor personality traits with respect to attachment styles. *Educational Scineces: Theory and Practice* , 11(1), pp. 105-113.
- DePaulo, B. M., Brittingham, G. L., & Kaiser, M. K. (1983). Receiving competence-relevant help: effects on reciprocity, affect, and sensitivity to the helper's nonverbally expressed needs. *Journal of Personality and Social Psychology* , 45(5), pp. 1045-1060.
- Ekman, P. (1992). An argument for basic emotions. *Cognition and Emotion* , 6(3/4), pp. 169-200.
- Ekman, P. (1999). Basic Emotions. In T. Dalgleish, & M. J. Power, *Handbook of cognition and emotion* (pp. 45-60). Chichester: John Wiley & Sons.
- Ekman, P. (1994). Strong evidence for universals in facial expressions: a reply to russell's mistaken critique. *Psychological Bulletin* , 115, pp. 268-287.
- Elfenbein, H. A., & Ambady, N. (2002). On the universality and cultural specificity of emotion recognition: a meta-analysis. *Psychological Bulletin* , 128, pp. 203-235.
- Feeney, J. A., & Hohaus, L. (2001). Attachment and spousal caregiving. *Personal Relationships* , 8, pp. 21-39.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology* , 58(2), pp. 281-291.

- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Moran, G. S., & Higgitt, A. C. (1991). The capacity for understanding mental states: the reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Journal*, *12*(3), pp. 201-218.
- Frijda, N. H., Ortony, A., Sonnemans, J., & Clore, G. L. (1992). The complexity of intensity. Issues concerning the structure of emotion intensity. In M. S. Clark, *Review of personality and social psychology* (vol. 13) (pp. 60-89). Newbury Park: Sage Publications.
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994a). Models of the self and other: fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, *67*, pp. 430-445.
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994b). The metaphysics of measurement: the case of adult attachment. In K. Bartholomew, & D. Perlman, *Advances in personal relationships vol. 5: attachment processes in adulthood* (pp. 17-52). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Haft, W. L., & Slade, A. (1989). Affect attunement and maternal attachment: a pilot study. *Infant Mental Health Journal*, *10*(3), pp. 157-172.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*, pp. 511-524.
- Hodgins, H. S., & Belch, C. (2000). Interparental violence and nonverbal abilities. *Journal of Nonverbal Behavior*, *24*(1), pp. 3-24.
- Isabella, R. A., & Belsky, J. (1991). Interactional synchrony and the origins of infant-mother attachment: a replication study. *Child Development*, *62*, pp. 373-384.
- Isabella, R. A., Belsky, J., & von Eye, A. (1989). Origins of infant-mother attachment: an examination of interactional synchrony during the infant's first year. *Developmental Psychology*, *25*(1), pp. 12-21.
- Izard, C. E. (1992). Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review*, *99*(3), pp. 561-565.
- Johnstone, T., & Scherer, K. R. (2000). Vocal communication of emotion. In M. Lewis, & J. M. Haviland-Jones, *Handbook of emotions* (pp. 220-235). New York: The Guilford Press.
- Keltner, D., & Kring, A. M. (1998). Emotion, social function, and psychopathology. *Review of General Psychology*, *2*, pp. 320-342.
- Kobak, R. R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development*, *59*, pp. 135-146.
- Larsen, R. J., & Diener, E. (1992). Promises and problems with the circumplex model of emotion. In M. S. Clark, *Review of personality and social psychology* (vol. 13) (pp. 25-39). Newbury Park: Sage Publications.
- Laukka, P. (2004). Vocal expression of emotion: discrete-emotions and dimensional accounts. *Comprehensive Summaries of Uppsala Dissertations from the Faculty of Social Sciences*. *141*, pp. 1-80. Uppsala: Acta Universitatis Upsalensis.

- Lazarus, R. S., & Smith, C. A. (1988). Knowledge and appraisal in the cognition-emotion relationship. *Cognition & Emotion*, 2, pp. 281-300.
- Lima, M. P. (1997). *NEO PI-R - Contextos teóricos e psicométricos: "Ocean" ou "iceberg"?* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2003). Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO PI-R). In M. Gonçalves, M. Simões, L. Almeida, & C. Machado, *Avaliação Psicológica - Instrumentos validados para a população portuguesa (Vol. 1)* (pp. 17-32). Coimbra: Quarteto.
- Magai, C., Hunziker, J., Mesias, W., & Culver, L. C. (2000). Adult attachment styles and emotional biases. *International Journal of Behavioral Development*, 24 (3), pp. 301-309.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & M. Cummings, *Attachment in the preschool years: theory, research, and intervention* (pp. 121-160). Chicago: The University of Chicago Press.
- Mikulincer, M. (1998). Adult attachment style and individual differences in functional versus dysfunctional experiences of anger. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(2), pp. 513-524.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events. In J. A. Simpson, & W. S. Rholes, *Attachment theory and close relationships* (pp. 143-165). New York: Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Horesh, N. (1999). Adult attachment style and the perception of others: the role of projective mechanisms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(6), pp. 1022-1034.
- Miljkovitch, R. (2002). A vinculação ao nível das representações. In N. Guedeney, & A. Guedeney, *Vinculação: conceitos e aplicações* (pp. 45-53). Lisboa: Climepsi.
- Moreira, J. M., Bernardes, S., Andrez, M., Aguiar, P., Moleiro, C., & Silva, M. d. (1998). Social competence, personality and adult attachment style in a Portuguese sample. *Personality and Individual Differences*, 24(4), pp. 565-570.
- Neustadt, E., Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2006). The relationship between personality traits, self-esteem, and attachment at work. *Journal of Individual Differences*, 27(4), pp. 208-217.
- Niedenthal, P. M., Brauer, M., Robin, L., & Innes-Ker, A. H. (2002). Adult attachment and the perception of facial expression of emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, pp. 419-433.
- Noftle, E. E., & Shaver, P. R. (2006). Attachment dimensions and the big five personality traits: associations and comparative ability to predict relationship quality. *Journal of Research in Personality*, 40, pp. 179-208.
- Noller, P., & Feeney, J. A. (1994). Relationship Satisfaction, attachment, and

- nonverbal accuracy in early marriage. *Journal of Nonverbal Behavior* , 18(3), pp. 199-221.
- Oatley, K., Keltner, D., & Jenkins, J. M. (2006). *Understanding emotions*. Oxford: Blackwell.
- Osgood, C. E., Suci, G. J., & Tannenbaum, P. H. (1957). *The measurement of meaning*. Urbana: University of Illinois Press.
- Paixão, R., Coelho, L., & Ferreira, J. (2010). Teste de Reconhecimento Paralinguístico das Emoções. *Psychologica* .
- Perdereau, F., & Atger, F. (2002). Avaliação da vinculação no adolescente e adulto. In N. Guedeney, & A. Guedeney, *Vinculação: conceitos e aplicações* (pp. 112-121). Lisboa: Climepsi.
- Pollak, S. D., & Sinha, P. (2002). Effects of early experience on children's recognition of facial displays of emotion. *Developmental Psychology* , 38(5), pp. 784-791.
- Roberts, J. E., Gotlib, I. H., & Kassel, J. D. (1996). Adult attachment security and symptoms of depression: the mediating roles of dysfunctional attitudes and low self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology* , 70, pp. 310-320.
- Russell, J. A. (1980). A circumplex model of affect. *Journal of Personality and Social Psychology* , 39, pp. 1161-1178.
- Russell, J. A., & Feldman Barrett, L. (1999). Core affect, prototypical emotional episodes, and other things called emotion: dissecting the elephant. *Journal of Personality and Social Psychology* , 76, pp. 805-819.
- Russell, J. A., & Lemay, G. (2000). Emotion concepts. In M. Lewis, & J. M. Haviland-Jones, *Handbook of emotions* (pp. 491-503). New York: The Guilford Press.
- Russell, J. A., Bachorowski, J. A., & Fernández-Dols, J. M. (2003). Facial and vocal expressions of emotion. *Annual Review of Psychology* , 54, pp. 329-349.
- Schachner, D. A., Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2005). Patterns of nonverbal behavior and sensitivity in the context of attachment relationships. *Journal of Nonverbal Behavior* , 29(3), pp. 141-169.
- Scherer, K. R. (1986). Vocal affect expression: A review and a model for future research. *Psychological Bulletin* , 2, pp. 143-165.
- Schlosberg, H. (1941). A scale for the judgement of facial expressions. *Journal of Experimental Psychology* , 29, pp. 497-510.
- Shaver, P. R., & Brennan, K. A. (1992). Attachment style and the "big five" personality traits: their connections with each other and with romantic relationship outcomes. *Personality and Social Psychology Bulletin* , 18, pp. 536-545.
- Simpson, J. A., Collins, W. A., Tran, S., & Haydon, K. C. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: a developmental perspective. *Journal of Personality and Social Psychology* , 92(2), pp. 355-367.
- Simpson, J. A., Ickes, W., & Blackstone, T. (1995). When the head protects the heart: empathic accuracy in dating relationships. *Journal of*

- Personality and Social Psychology* , 69(4), pp. 629-641.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: the role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology* , 62(3), pp. 434-446.
- Smith, C. A., & Ellsworth, P. C. (1985). Patterns of cognitive appraisal in emotion. *Journal of Personality and Social Psychology* , 48, pp. 813-838.
- Sonnemans, J., & Frijda, N. H. (1994). The structure of subjective emotional intensity. *Cognition and Emotion* , 8(4), pp. 329-350.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development* , 48, pp. 1184-1199.
- Surcinelli, P., Rossi, N., Montebanocci, O., & Baldaro, B. (2010). Adult attachment styles and psychological disease: examining the mediating role of personality traits. *The Journal of Psychology* , 144(6), pp. 523-534.
- Tomkins, S. (1962). *Affect, imagery, and consciousness vol 1: the positive affects*. New York: Springer.
- Tomkins, S. S. (2008). *Affect imagery consciousness: the complete edition*. New York: Springer Publishing Company.
- Tottenham, N., Tanaka, J. W., Leon, A. C., McCarry, T., Nurse, M., Hare, T. A., et al. (2009). The NimStim set of facial expressions: judgments from untrained research participants. *Psychiatry Research* , 168, pp. 242-249.
- Tucker, J. S., & Anders, S. L. (1998). Adult attachment style and nonverbal closeness in dating couples. *Journal of Nonverbal Behavior* , 22, pp. 109-124.
- Tucker, J. S., & Anders, S. L. (1999). Attachment style, interpersonal perception accuracy, and relationship satisfaction in dating couples. *Personality and Social Psychology Bulletin* , 25, pp. 403-412.

## **Anexos**

## Anexo I - Estatística Descritiva

### *NimStim Set of Facial Expressions*

**Tabela 1. Percentagens de acerto Total e por emoções no NimStim**

	N	% média de acerto	DP	Mínimo	Máximo
Alegria	269	86.1391	17.22798	0.00	100.00
Raiva	269	81.9185	15.40931	33.33	100.00
Medo	269	56.0314	20.97490	0.00	100.00
Tristeza	269	76.8356	18.49634	16.67	100.00
Surpresa	269	93.1599	13.30107	40.00	100.00
Total Afetos Negativos	269	70.8936	12.18363	26.32	94.74
Total de Emoções	269	77.8492	8.79405	32.26	96.77

### TRPE

**Tabela 2. Percentagens de acerto Total e por emoções no TRPE**

	N	% média de acerto	DP	Mínimo	Máximo
Alegria	269	95.5631	10.30122	14.29	100.00
Raiva	269	96.3887	8.58609	42.86	100.00
Medo	269	92.5483	12.50124	40.00	100.00
Tristeza	269	95.4859	9.48496	28.57	100.00
Surpresa	269	88.4758	15.34128	40.00	100.00
Total Afetos Negativos	269	95.0457	6.59754	52.63	100.00
Total de Emoções	269	94.0926	6.44558	51.61	100.00

### RQ

**Tabela 3. Estatística descritiva relativa às categorias de Vinculação (RQ)**

	N	Percentagem %
Seguro	100	37.2
Receoso	60	22.3
Inquieto	48	17.8
Desapegado	61	22.7
Total	269	100

**Tabela 4. Estatística descritiva relativa aos indivíduos claramente pertencentes às categorias de Vinculação (RQ)**

	N	Porcentagem %
Seguro	58	38.9
Receoso	31	20.8
Inquieto	21	14.1
Desapegado	39	26.2
Total	149	100

## RSQ

**Tabela 5. Estatística descritiva relativa aos Protótipos (dimensionais) de Vinculação (RSQ)**

	N	Média	DP	Mínimo	Máximo
Seguro	269	2.9210	0.52039	1.40	4.60
Receoso	269	2.6223	0.69715	1.25	4.50
Inquieto	269	2.7819	0.69715	1.00	4.75
Desapegado	269	3.1329	0.66269	1.60	4.80

**Tabela 6. Estatística descritiva relativa às Dimensões de Vinculação (RSQ)**

	N	Média	DP	Mínimo	Máximo
Modelo do <i>Self</i>	269	0.6497	1.35382	-3.35	4.00
Modelo do Outro	269	-0.0522	1.59224	-4.70	3.55

## Neo PI R

**Tabela 7. Estatística descritiva relativa à Extroversão (Neo PI R)**

Facetas	N	Média	DP	Mínimo	Máximo
Acolhimento Caloroso	269	23.19	4.068	9	32
Gregariedade	269	18.32	5.168	3	31
Assertividade	269	15.71	3.913	5	27
Actividade	269	16.83	3.505	8	28
Procura de excitação	269	20.67	4.389	8	32
Emoções Positivas	269	23.52	4.707	8	32
Total Extroversão	269	118.24	19.049	65	163

**Tabela 8. Estatística descritiva relativa à percentagem de acertos (NimStim e TRPE) por grupo de Vinculação**

		NimStim		TRPE	
		% média de acertos	Desvio-Padrão	% média de acertos	Desvio-Padrão
Alegria	Seguro	85.429	19.261	94.429	12.985
	Receoso	85.476	16.737	95.346	9.286
	Inquieto	86.012	17.556	97.620	6.135
	Desapegado	88.056	17.520	96.019	8.702
Raiva	Seguro	82.028	15.481	95.571	9.884
	Receoso	83.333	15.647	96.429	8.573
	Inquieto	81.597	14.683	97.321	8.154
	Desapegado	80.601	15.864	96.956	6.450
Medo	Seguro	56.078	20.714	94.400	12.087
	Receoso	56.730	19.813	92.333	10.475
	Inquieto	61.983	19.726	91.250	12.985
	Desapegado	50.585	22.523	90.746	14.374
Tristeza	Seguro	73.943	20.587	95.571	7.784
	Receoso	78.399	15.320	95.714	10.288
	Inquieto	75.000	17.865	96.429	8.070
	Desapegado	81.484	17.520	94.379	12.031
Surpresa	Seguro	90.000	15.954	86.800	16.136
	Receoso	94.667	10.965	87.667	14.771
	Inquieto	95.417	11.008	90.000	15.437
	Desapegado	95.082	11.347	90.820	14.410
Afetos Negativos	Seguro	70.053	12.414	95.263	6.100
	Receoso	72.312	12.024	95.088	6.491
	Inquieto	72.096	10.961	95.395	5.809
	Desapegado	69.930	12.931	94.373	8.033
Total de Emoções	Seguro	76.742	9.392	93.680	6.338
	Receoso	78.669	8.685	93.952	6.318
	Inquieto	78.989	7.850	95.027	5.322
	Desapegado	77.962	8.584	94.172	7.540

**Tabela 9. Estatística descritiva relativa à percentagem de acertos (NimStim e TRPE) por grupo de Vinculação (sujeitos com padrões de Vinculação bem definidos)**

		NimStim		TRPE	
		% média de acertos	Desvio-Padrão	% média de acertos	Desvio-Padrão
Alegria	Seguro	84.237	22.339	93.842	15.398
	Receoso	82.028	18.058	94.470	9.531
	Inquieto	86.395	13.058	95.918	8.009
	Desapegado	89.377	13.907	96.703	6.923
Raiva	Seguro	83.046	14.132	94.581	11.299
	Receoso	81.183	17.074	96.313	9.736
	Inquieto	76.984	15.344	99.320	3.117
	Desapegado	79.915	14.398	97.070	5.844
Medo	Seguro	55.306	18.514	95.172	11.431
	Receoso	53.578	19.097	93.584	9.504
	Inquieto	59.184	20.842	89.524	14.992
	Desapegado	50.916	21.440	94.359	9.118
Tristeza	Seguro	72.126	22.161	95.074	8.270
	Receoso	76.472	16.902	95.853	11.777
	Inquieto	69.841	17.175	99.320	3.117
	Desapegado	83.761	15.525	97.802	6.165
Surpresa	Seguro	88.966	16.826	86.207	14.609
	Receoso	94.839	11.510	89.032	14.458
	Inquieto	96.191	8.047	91.429	13.522
	Desapegado	94.872	11.892	91.795	13.548
Afetos	Seguro	69.415	12.530	94.918	6.310
Negativos	Receoso	70.179	13.008	95.416	6.622
	Inquieto	68.170	9.485	96.742	4.236
	Desapegado	70.445	11.041	96.626	3.719
Total de Emoções	Seguro	75.901	10.937	93.220	6.477
	Receoso	76.403	8.668	94.173	6.788
	Inquieto	76.805	5.736	95.699	5.032
	Desapegado	78.660	7.423	95.864	3.387

## Anexo II - Estabilidade temporal e relação entre RQ e RSQ

**Tabela 10. Correlação entre o teste e o re-teste no RQ**

	<i>r</i>
RQ Seguro	.509***
RQ Inquieto	.684***
RQ Receoso	.565***
RQ Desapegado	.518***
RQ Modelo do <i>Self</i>	.737***
RQ Modelo do Outro	.506***

\*\*\* $p < .001$ .

**Tabela 11. Correlação entre o teste e o re-teste no RSQ**

	<i>r</i>
RSQ Seguro	.595***
RSQ Inquieto	.386**
RSQ Receoso	.654***
RSQ Desapegado	.563***
RSQ Modelo do <i>Self</i>	.533***
RSQ Modelo do Outro	.477**

\*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$ .

**Tabela 12. Correlação entre os protótipos de Vinculação avaliados pelo RQ e os protótipos de Vinculação avaliados pelo RSQ**

	RSQ Seguro	RSQ Inquieto	RSQ Receoso	RSQ Desapegado
RQ Seguro	.524***	.027	-.307***	-.116
RQ Inquieto	-.246***	.593***	.041	-.168***
RQ Receoso	-.455***	.108	.612***	.166***
RQ Desapegado	-.049	-.381***	.262***	.575***

\*\*\* $p < .001$ .

**Tabela 13. Correlação entre as dimensões Modelo do *Self* e Modelo do Outro avaliadas pelo RQ e as dimensões Modelo do *Self* e Modelo do Outro avaliadas pelo RSQ**

	RSQ Modelo do <i>Self</i>	RSQ Modelo do Outro
RQ Modelo do <i>Self</i>	.646***	.023
RQ Modelo do Outro	-.014	.713***

\*\*\* $p < .001$ .

### Anexo III - Extroversão como variável mediadora do reconhecimento emocional

Tabela 14. Extroversão como mediadora do reconhecimento emocional predito pelo RQ

		NimStim			
		Valores preditivos			
Categorias	Emoções	Vinculação - reconhecimento (antes da introdução da Extroversão)	Vinculação - Extroversão	Extroversão - reconhecimento	Vinculação - reconhecimento (após introdução da Extroversão)
Seguro vs Receoso		$\beta = .166, t = 2.439, p = .015$	$\beta = -.366, t = -5.709, p = .000$		$\beta = .184, t = 2.524, p = .012$
Seguro vs. Inquieto	Surpresa	$\beta = .168, t = 2.511, p = .013$	$\beta = -.260, t = -4.099, p = .000$	$\beta = -.028, t = -0.462, p = .644$	$\beta = .180, t = 2.601, p = .010$
Seguro vs. Desapegado		$\beta = .163, t = 2.430, p = .016$	$\beta = -.204, t = -3.176, p = .002$		$\beta = .173, t = 2.515, p = .012$
<b>Categorias (perfis claramente definidos)</b>					
Seguro vs Receoso		$\beta = .186, t = 2.065, p = .041$	$\beta = -.356, t = -4.146, p = .000$		$\beta = .215, t = 2.256, p = .026$
Seguro Vs Inquieto	Surpresa	$\beta = .192, t = 2.188, p = .030$	$\beta = -.218, t = -2.581, p = .011$	$\beta = -.006, t = -0.072, p = .943$	$\beta = .211, t = 2.338, p = .021$
Seguro vs Desapegado		$\beta = .193, t = 2.142, p = .034$	$\beta = -.223, t = -2.571, p = .011$		$\beta = .211, t = 2.291, p = .023$
Seguro vs Desapegado	Tristeza	$\beta = .267, t = 2.991, p = .003$	$\beta = -.223, t = -2.571, p = .011$	$\beta = -.052, t = -0.634, p = .527$	$\beta = .263, t = 2.867, p = .005$

Tabela 15. Extroversão como mediadora do reconhecimento emocional predito pelo RSQ

NimStim					
Valores preditivos					
Dimensão	Emoções	Vinculação - reconhecimento (antes da introdução da Extroversão)	Vinculação - Extroversão	Extroversão - reconhecimento	Vinculação - reconhecimento (após introdução da Extroversão)
Modelo do	Medo	$\beta = .124, t = 2.034, p = .043$	$\beta = .374, t = 6.583, p = .000$	$\beta = .035, t = 0,573, p = .567$	$\beta = .129, t = 1.959, p = .051$
Outro					
TRPE					
Protótipos					
	Total	$\beta = .129, t = 2.139, p = .033$		$\beta = .060, t = 0.989, p = .394$	$\beta = .125, t = 2.076, p = .039$
	Alegria	$\beta = .132, t = 2.183, p = .030$	$\beta = .068, t = 1.119, p = .264$	$\beta = .010, t = 0.159, p = .874$	$\beta = .132, t = 2.173, p = .031$
Inquieto	Medo	$\beta = .164, t = 2.757, p = .006$		$\beta = .076, t = 1.261, p = .209$	$\beta = .160, t = 2.679, p = .008$